

ESTÓRIAS FANTÁSTICAS
DE
Humor Macabro

JOBER ROCHA

2010

ADVERTÊNCIA AOS LEITORES

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida, sob quaisquer meios existentes, sem o prévio consentimento do autor.

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens e diálogos foram criados a partir da imaginação do autor; entretanto, qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

PRÓLOGO

Caro leitor, amante que sou da Literatura fantástica, inusitada, bizarra e macabra, ao estilo de Edgard Allan Poe, de Ambrose Bierce e de H.P.Lovecraft, na qual o escritor pode dar asas à imaginação sem se preocupar muito com a verossimilhança ou a coerência lógica do texto que escreve, não poderia deixar de compartilhar, com outros admiradores deste tipo de literatura, algumas estórias imaginárias, por vezes inverossímeis, sem, todavia, a pretensão de elevá-las à altura daquelas criadas pelos tão admirados mestres.

As estórias apresentadas, de um modo geral, possuem um viés humorístico, deixando o leitor na dúvida se tratam tão somente de um simples conto de humor ou de um acontecimento macabro realmente verdadeiro.

Constituindo esta a minha primeira incursão neste interessante campo literário, rogo a sua compreensão para que considere a presente iniciativa, apenas, como o desejo sincero de proporcionar-lhe alguns momentos de pura distração.

O Autor.

ÍNDICE

I. A SENTINELA DO PAIOL	07
II. O TELEFONEMA DO ALÉM	14
III. OS CABELOS BRANCOS	19
IV. UMA BRINCADEIRA ‘POST-MORTEM’	23
V. UMA NOVA E PROMISSORA DIMENSÃO	27
VI. O SEGREDO DA CASA MAL ASSOMBRADA	33
VII. MEDO DO ESCURO	39
VIII. OS ANJOS INVADEM A TERRA	42
IX. O VAMPIRO DE VILA VALQUEIRE	48
X. UMA SIMPLES IDA AO CENTRO	51

XI. A VERRUGA IMPERIALISTA	55
XII. OS FILHOS DO DEMO	57
XIII. A SOCIEDADE SECRETA	66
XIV. O AGENTE DUPLO	73
XV. CANTIGAS DE NINAR E CANTIGAS DE RODA	77
XVI. O PRISIONEIRO	86
XVII. OS ALIENÍGENAS ESTÃO CHEGANDO	88
XVIII. A REGRESSÃO HIPNÓTICA	92
XIX. A INVASÃO IMAGINÁRIA	97
XX. ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE	101
XXI. A CONSPIRAÇÃO VIRTUAL	104
XXII. ASSASSINATO POR ENCOMENDA	107
XXIII. O CRIADOR DE CASOS	111

XXIV. O EFEITO ESPECIAL	114
XXV. O FANTASMA DA ÓPERA	118
XXVI. A APARIÇÃO DAS DEZOITO HORAS	121
XXVII. BENIGNO VERSUS MALIGNO	125
XXVIII. NO QUINTO DOS INFERNOS	127

A SENTINELA DO PAIOL

No ano de 1983 encontrava-me servindo em um quartel de infantaria, hoje desativado, localizado em Venda da Cruz, no município de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro. Havia sido incorporado, no ano anterior, com a idade de 18 anos e passara a condição de soldado engajado, após haver permanecido um ano na qualidade de soldado recruta.

O quartel era chamado de Regimento, embora fosse apenas um Batalhão. Sua história como Organização Militar remontava ao ano de 1935 quando, em área de antiga Chácara, foi fundado um Regimento de Infantaria. No ano de 1939 mudou de nome e passou a ocupar as atividades de outro Regimento, localizado na cidade do Rio de Janeiro, que havia sido extinto em 1935 em razão da sua destruição em um incêndio, após ser bombardeado no episódio da nossa história conhecido como Intentona Comunista. O quartel em que eu me encontrava servindo naquela década de oitenta, pelos anos cinquenta havia passado para a categoria de um Batalhão de Infantaria; porém, continuava ainda a ser chamado pela denominação antiga de ‘Regimento’.

Nos idos de 1935 a capital da república era a cidade de Rio de Janeiro, onde estava situado o Palácio do Catete, sede do

governo que os revoltosos pretendiam atacar. Ao recriarem o novo Regimento de Infantaria em São Gonçalo, do outro lado da Baía de Guanabara, as autoridades de então talvez tivessem em mente colocá-lo em um ponto bem distante, onde não oferecesse nenhuma ameaça imediata à ordem constitucional.

O Regimento de São Gonçalo, no ano de 1944, forneceu, ainda, inúmeros militares para compor uma Força Expedicionária que lutou em território europeu durante a Segunda Guerra mundial. Os militares daquele Regimento foram enviados para uma nova unidade na Vila Militar, em Deodoro, onde participaram de treinamentos, junto com outros militares de diversas regiões do país e, a seguir, embarcaram em navios norte-americanos com destino ao porto de Nápoles, na Itália.

Muitos não retornaram ao nosso país, tendo seus corpos ficado, durante vários anos, sepultados em um cemitério militar na cidade de Pistóia, na Itália. Com a reurbanização da Praia do Flamengo na cidade do Rio de Janeiro, seus despojos puderam ser trasladados e ficaram, finalmente, sepultados no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra ali construído, onde, além de serem prestadas homenagens aos militares mortos, também são prestadas homenagens aos desaparecidos, cujos restos mortais jamais foram encontrados.

O episódio que irei relatar ocorreu em meados de 1983, época de inverno em que, durante as madrugadas, descia sobre o quartel de São Gonçalo uma forte cerração.

Encontrava-me de serviço de guarda junto ao paiol de munições, localizado em área erma, em meio a um alto capinzal.

Meu turno de sentinela iniciara-se às três horas da madrugada. O serviço transcorrera sem alteração, muito embora, após tê-lo assumido, tive a sensação de estar sendo observado de uma distância próxima por vários olhos escondidos em meio ao capinzal.

Por algumas vezes notei que o mato ondulava como se pessoas se movessem em seu interior, em que pese não estar ventando naquela ocasião. Cheguei mesmo a engatilhar o fuzil, abaixar-me e ficar esperando um ataque vindo daquela direção.

Com o transcorrer do tempo, nada tendo acontecido, julguei ser tudo aquilo fruto da minha imaginação, principalmente devido à escuridão da noite e a pesada cerração que não permitia a visão de mais do que alguns poucos metros à frente.

Faltando cerca de vinte minutos para a chegada da guarda que traria meu substituto, percebi o ruído de passos em cadência aproximando-se do paiol.

Imaginei que meu relógio devia estar atrasado e o substituto já estivesse sendo conduzido pela guarda para aquele posto.

Após alguns segundos, durante os quais me preparei para ser substituído, avistei, saindo de dentro da bruma, a guarda que marchava em minha direção comandada por um sargento.

Tendo, esta, parado a uma pequena distância de onde eu me encontrava dirigi-me ao seu encontro para ocupar o lugar do soldado que me substituiria. Todavia, conforme eu me aproximava, nenhum militar saiu da formatura e nenhuma voz de comando foi dada. A guarda permanecia imóvel.

Chegando bem próximo, percebi que seus uniformes eram diferentes daqueles que usávamos no quartel. Todos pareciam bem mais velhos e alguns possuíam ataduras sujas de sangue, que envolviam algumas partes de seus corpos. As armas que conduziam, de modelos antigos, também não eram aquelas que usávamos no quartel.

Repentinamente uma sensação de frio e terror me envolveu, percorrendo todo o corpo. Embora desejasse sair dali imediatamente, minhas pernas não me obedeciam.

Olhando as faces imóveis daqueles homens, percebi que não conseguia vislumbrar seus olhos. Era como se no local onde eles deveriam estar não houvesse nada, apenas dois buracos negros e vazios. Repentinamente, o comandante daquela guarda disse para a tropa alguma coisa que não compreendi. Os componentes seguiram, então, marchando, rumo à porta do paiol onde entraram sem precisar abri-la, passando por seu interior e rompendo-a.

Passados alguns minutos lá dentro, saíram pelo mesmo local transportando várias caixas de munição, granadas e algumas armas leves.

Eu assistia a tudo aquilo sem poder me mover, sem nenhuma reação, com o coração parecendo querer pular pela boca para fora do peito.

A guarda, sempre marchando sob o comando do sargento, dirigiu-se para o interior do capinzal onde desapareceu em meio à bruma.

Consultando o relógio, constatei que ainda faltavam vinte minutos para a chegada da guarda que traria meu substituto, isto é, parecia que o tempo havia parado e aquilo tudo fora vivido em uma outra dimensão.

Ainda pensava no que acabava de haver presenciado, quando percebi novo ruído de passos se aproximando. Ao consultar o relógio vi que já haviam se passado vinte minutos desde a última vez que observara as horas.

Ao fixar os olhos nas figuras que chegavam, percebi ser aquela, realmente, a guarda do quartel que chegava trazendo meu substituto.

O sargento comandante, após uma vitória na porta do paiol, perguntou-me o que havia acontecido.

Após relatar-lhe, ainda sob forte emoção, tudo aquilo que havia presenciado; observei que retirava calmamente do

cinturão um par de algemas com o qual me algemou, após haver antes tomado o meu fuzil.

Fui conduzido pela guarda até uma cela no interior do quartel, onde passei aquele fim de noite. Na manhã seguinte levaram-me a presença do comandante da unidade, a quem, novamente, contei tudo o que havia presenciado naquela fatídica noite.

Por mais que descrevesse, fielmente, o que havia presenciado, notava que as pessoas presentes ao meu depoimento, pelo ar de espanto que faziam, pareciam não acreditar no que dizia.

Meus pais foram conduzidos ao quartel e, tendo sido levados até a cela onde me encontrava, pediram-me que contasse apenas verdade, que não escondesse nada nem tentasse proteger ninguém. Jurei-lhes que tudo aquilo que eu dizia era absolutamente verdadeiro. Afirmei que aqueles espectros certamente haviam retornado dos campos de batalha da Itália onde haviam tombado e, não se dando conta disso, em uma derradeira visita ao antigo quartel no qual haviam servido, buscavam obter mais armas e munições para prosseguirem com sua incansável luta contra o inimigo nazista, já agora no território da morte.

Na tarde daquele mesmo dia meus primos, Claudinei e Roberval, que também serviam no mesmo quartel, foram colocados presos na cela onde eu me encontrava.

Após entrarem disseram baixinho, logo depois de me abraçarem demonstrando medo e desânimo, que eu podia parar de contar aquela estória, pois o comandante do quartel já havia descoberto as caixas de munição, as granadas e as armas que, durante meu horário de guarda, nós três havíamos retirado arrombando a porta do paiol e escondido, protegidos pela bruma, na mala do carro do meu primo Claudinei, estacionado perto da cantina do quartel.

Conforme meus primos me contaram, as autoridades do quartel somente haviam chegado até o carro e feito a descoberta das armas e munições que roubáramos, em razão de um rastro de sangue que, vindo desde a porta do paiol, seguia em direção à mala do veículo. Parecia, segundo disseram todos que haviam visto o rastro de sangue, que uma tropa carregando vários militares feridos havia feito aquele trajeto durante a noite.

O TELEFONEMA DO ALÉM

Na ocasião em que os fatos aqui relatados ocorreram, eu residia na cidade de Belém, no Estado do Pará, para onde havia me transferido recentemente a serviço da organização bancária em que já trabalhava há vários anos.

Casado há pouco tempo, alugara confortável casa em bairro tradicional da cidade onde vivia tranquilamente.

Freqüentando, junto com minha esposa, um clube local ao qual me associara, acabei por travar conhecimento com jovem casal, também residindo a pouco tempo naquela cidade. O novo amigo era piloto em uma das muitas empresas de táxi aéreo da região e sua esposa, médica, possuía um pequeno consultório no centro da cidade.

Com o evoluir da nossa amizade passamos a sair juntos, e a freqüentar a casa um do outro. Como não tínhamos nenhum parente por aquelas bandas, nós nos apoiávamos como dois irmãos.

Costumávamos fazer churrascos, ora em minha residência, ora na dele, quando, então, tínhamos a oportunidade de conhecer em maior profundidade nossos pontos de vista, de um modo geral, sobre a vida, sobre as coisas e sobre as instituições.

Como ambos não professássemos nenhuma religião, embora acreditássemos na existência de um Criador, em muitas ocasiões filosofávamos sobre a origem da vida, sobre o papel do destino e sobre se haveria, ou não, vida no outro lado da existência, isto é no território da morte. Nestas ocasiões, embora cada um de nós expusesse o seu ponto de vista particular sobre o assunto, não chegávamos a nenhuma conclusão.

Meu amigo desde pequeno se interessara pelas coisas da aviação. Tentara inicialmente a aviação militar; porém, não tendo sido aprovado no concurso público para a Academia da Força Aérea, ingressara em um curso de aviação civil onde se tornou piloto privado e, mais tarde, piloto comercial.

Naquela ocasião já possuía milhares de horas de vôo sobre o território nacional. A região em que voava compreendia, basicamente, a região norte do país, embora, ocasionalmente, efetuasse vôos para o nordeste e para o centro-oeste.

Seus passageiros eram, quase sempre, empresários, homens de negócio e empregados de alto nível que tinham pressa em chegar a pontos isolados daquela região, não servidos pelas empresas aéreas de grande porte.

Pilotava um bimotor Cessna e conhecia o território sobre o qual voava como a palma de sua mão.

Em um domingo, durante um dos churrascos em minha casa, enquanto saboreávamos uma caipirinha, comentou que na

véspera dois empresários o procuraram para combinar um vôo até o município de Tarauacá, localizado a noroeste do estado do Acre, na fronteira com a Colômbia. Disse que embora o vôo tivesse sido combinado para a segunda-feira de manhã, tivera um estranho pressentimento naquela ocasião. Não sabia dizer a razão de tal sensação, pois já havia efetuado inúmeros vôos em direção ao Acre e a previsão para a manhã de segunda-feira era de tempo bom, com boa visibilidade.

Enquanto falava, notei que os pelos de seu braço ficaram arrepiados.

Ao brincar com ele sobre o fato, disse-me que um calafrio percorrera seu corpo por inteiro ao lembrar-se da viagem que teria de fazer no dia seguinte.

Pouco depois, com a chegada de nossas esposas, o assunto foi esquecido.

Na segunda-feira dirigi-me, conforme sempre fazia, para a sede do banco em que trabalhava, onde uma vastidão de problemas burocráticos me aguardava.

Por volta do meio-dia, o telefone da minha mesa tocou. Ao atendê-lo fui surpreendido pela voz, longínqua, do meu amigo pedindo socorro. Ele pronunciou meu nome claramente e, em seguida, pediu que o socorresse.

Ao solicitar-lhe maiores informações, a ligação caiu. Ainda esperei alguns minutos que ela retornasse, porém, como tal não aconteceu, coloquei o paletó, peguei meu carro no

estacionamento e dirigi-me para o aeroporto, em busca do hangar da companhia de táxi aéreo na qual ele trabalhava.

Lá o ambiente era de total desolação. Informaram-me que sua aeronave havia decolado, conforme previsto, às oito horas da manhã e, em razão de uma pane de decolagem em ambos os motores, havia colidido com árvores logo após o final da pista e explodido. O corpo do piloto fora encontrado pelas equipes de socorro, logo após o acidente, morto, com várias queimaduras e bastante mutilado; porém, os corpos dos dois passageiros não tinham, até aquele momento, sido localizados. O acidente havia, portanto, ocorrido alguns minutos após a hora confirmada da decolagem, isto é, às oito horas da manhã, e eu recebera a ligação por volta de meio-dia, quando já me preparava para ir almoçar em casa.

Fui ao seu enterro no dia seguinte, com minha esposa. A cerimônia foi breve. No cemitério achavam-se presentes apenas poucas pessoas: nós, sua esposa e alguns funcionários da empresa de táxi aéreo.

Ao voltarmos para casa vínhamos contristados, tanto com o acontecimento, em si, quanto com a cena patética de sua esposa chorando a beira do túmulo.

Pouco depois de entrarmos, tendo minha esposa subido ao quarto para descansar, dirigi-me ao bar para tomar um copo cheio de uísque, em uma derradeira homenagem ao meu amigo. Enquanto servia a dose, o telefone tocou. Ao atender,

ouvi a voz dele chamando-me pelo nome e, novamente, pedindo socorro.

Desliguei o telefone com um sorriso nos lábios. Peguei o copo de uísque ingerindo-o todo, de uma única vez, e, soltando então uma pequena gargalhada, exclamei baixinho, para mim mesmo: - Então é verdade, existe mesmo vida no território da morte!

Ainda sorria eufórico quando me dei conta de que, tendo ele finalmente penetrado naquela região, estava mais era gritando por socorro...

OS CABELOS BRANCOS

Com 58 anos de idade, grande parte deles passados dentro de uma penitenciária, lembrava-me naquela tarde de minha primeira condenação, pela qual cumprira oito anos de cadeia, motivada pelo roubo, em cumplicidade com meus dois primos, de armas e munições do quartel onde servíamos como soldados na juventude.

Como um crime puxa outro, minha vida transcorreu, desde então, parte dentro e parte fora das grades.

Em que pese às dificuldades que os ex-presidiários têm para conseguir emprego, eu, ao final da vida, já alquebrado pelos vários anos de cárcere e com os cabelos totalmente brancos, havia conseguido empregar-me como faxineiro em uma escola secundária que funcionava em três turnos diários.

Meu turno era o da noite e, naquele dia pela manhã, aproveitara para ajudar a carregar e descarregar a mudança de um ex-colega de cárcere, meu vizinho, que estava se transferindo de bairro. Ao sair de casa para o colégio, após haver concluído o serviço, sentia-me bastante cansado em razão do grande esforço despendido. Lá chegando, como ainda fosse bastante cedo para o início do meu turno, procurei uma sala isolada que sabia estar sem uso e que continha

apenas uma mesa - sobre a qual havia um espelho e uma tesoura -, algumas cadeiras e uns caixotes, atrás dos quais me deitei para um pequeno cochilo reparador.

Acordei horas depois, já com a noite alta, ouvindo o barulho de vozes na sala.

Olhando por detrás dos caixotes onde me encontrava, pude ver cinco jovens que, sentados em torno da mesa, procediam à conhecida prática de fazer o copo andar, que tantas vezes eu e meus companheiros de infortúnio havíamos efetuado nas celas das cadeias por onde passáramos, ao longo de nossas existências delituosas.

A prática consistia em colocar todas as letras do alfabeto, desenhadas em pequenos cartões, em um círculo sobre a mesa. No centro destas colocava-se um copo emborcado, onde os presentes deveriam apoiar, levemente, o dedo indicador.

Concentrando-se todos, esperavam o copo se mover para, então, perguntar, dirigindo-se a ele: - Quem está aí?

Parando em frente a cada uma das letras dispostas em círculo, o copo escrevia, palavra por palavra, uma frase completa.

Os adeptos, que ‘brincavam a brincadeira do copo’ afirmavam que um espírito, vindo de outra dimensão, penetrava no interior do mesmo e comunicava-se com os presentes que o haviam invocado, através das frases que escrevia. Algum dos participantes, munido de lápis e papel,

tomava nota das letras, das palavras e das frases. O espírito respondia a qualquer pergunta que se fizesse, sobre o passado, o presente e o futuro.

Do canto onde me encontrava, naquela sala fracamente iluminada, fiquei observando o desenrolar da sessão.

Eram todos jovens, de cabelos pretos e usavam uniformes do colégio. As perguntas que faziam giravam em torno de namoradas, de empregos futuros e de dinheiro.

Em certo momento um deles, ao ver confirmado, pelo companheiro que tomava nota das respostas do espírito, que sua namorada o traia com o aluno mais feio do colégio, retirou o dedo de cima do copo e falou cheio de raiva, olhando em direção ao copo que se movia: - “Espírito coisa nenhuma. Aí dentro não tem nada. São vocês que estão empurrando o copo de gozação. Não acredito em nada disso”!

Imediatamente, já sem a presença do seu dedo em cima, o copo parou o que estava escrevendo e, após alguns instantes naquele lugar, começou novamente a se mover. Todos prestaram atenção ao que escrevia. A frase final, após alguns minutos de caminhada pelas letras dispostas na mesa, foi: - Olhem dentro do copo, rapazes!

Todos olharam para o copo e, imediatamente, saíram correndo porta afora, com o terror estampado nas faces, largando inclusive todo o material que tinham trazido para a sala.

Passados alguns minutos, sem que nenhum deles tivesse retornado, levantei-me de onde estava e dirigi-me, devagar, para a mesa.

Ao contemplar o copo observei dentro dele uma mecha de cabelos brancos - sem dúvida dos meus cabelos que cortara, logo que ali cheguei sentado em cima da mesa e utilizando o espelho e a tesoura – que, tendo ficado caída sobre a mesa, acabara certamente entrando por debaixo do copo em virtude de sua movimentação pela superfície da mesma.

Após apagar as luzes da sala e dirigir-me para a porta, a fim de iniciar meu trabalho de limpeza, pude perceber nitidamente, atrás de mim, o ruído do copo que se movimentava novamente...

UMA BRINCADEIRA ‘POST MORTEM’

Em certa ocasião ouvi de um antigo sargento que conheci durante a festa de casamento da minha mãe, com o seu décimo terceiro marido, a seguinte estória que me deixou arrepiado até o final daquela solenidade.

No quartel de fuzileiros onde servira na juventude, e de cujo interior partira para lutar na Segunda Grande Guerra, existia um prédio anexo – que fora anteriormente cedido por um comandante e cujo ato fora mantido pelos demais comandantes que o sucederam – onde funcionava uma Associação de Veteranos participantes daquele conflito mundial.

Aquele prédio, após haver sido cedido para a associação dos veteranos, passou a possuir a fama de ser mal assombrado. Acreditava o antigo sargento que muitas das estórias de barulhos, ruídos e sons, sem uma origem ou explicação factível, ouvidos por alguns dos veteranos freqüentadores de suas salas e corredores, fossem devidas ao mau estado de conservação das instalações do prédio, já bastante degradadas pelo tempo.

Em suas reuniões os veteranos costumavam beber, conversar e fazer gozações, entre si, lembrando fatos e episódios do tempo da guerra.

O prédio onde a associação funcionava possuía uma secretaria, uma sala para a diretoria, uma sala destinada aos bate-papos e ao laser, além de uma sala de reuniões, que podia ser considerada quase como um pequeno auditório.

Na associação cada um dos veteranos era conhecido, carinhosamente, pela função desempenhada por ele durante a guerra: padioleiro, motorista, enfermeiro, operador de rádio, fuzileiro, franco-atirador (ou sniper, como chamavam os norte-americanos), municador, aviador, etc.

A cada ano que passava sofriam algumas baixas. Embora a associação contasse com centenas de membros, era com pesar que seus integrantes observavam todos os anos suas fileiras serem reduzidas de alguns dos seus associados, em virtude do falecimento destes.

Quando havia algum assunto de maior gravidade para ser discutido, analisado e/ou aprovado, faziam reuniões durante a noite, pois muitos ainda possuíam alguma atividade laboral durante a parte da manhã e da tarde.

Em uma dessas ocasiões haviam marcado uma reunião para discutir a mudança dos Estatutos da Associação, com vistas a adequá-lo à nova legislação recentemente promulgada. A reunião começaria às dezenove horas, porém os associados só

começaram a chegar por volta das vinte horas. Os que chegavam ficavam conversando entre si, tomando um cafezinho ou saboreando uma taça de vinho.

Lá pelas vinte e uma horas a reunião foi iniciada. Como o assunto era complicado e bastante polêmico, as discussões estenderam-se até quase perto da meia noite. Faltando dois minutos para as vinte e quatro horas, ruídos estranhos começaram a ser ouvidos. A meia noite em ponto aconteceu um fato que deixou a todos, soldados experientes e sem medo da morte, arrepiados. Em cima de uma mesa havia uma jarra com água e vários copos. Primeiro a jarra e depois cada um dos copos foram explodindo em seqüência. Os cacos voavam em todas as direções, fazendo com que todos se abaixassem para não serem atingidos pelos vidros cortantes.

Findas as explosões, quando todos se levantavam atordoados e surpresos com o que havia ocorrido, novamente começaram a explodir diversas garrafas de vinho que mantinham em uma pequena adega, junto a uma parede do canto.

O liquido das garrafas escorrendo tinto pelo chão, assemelhava-se a um rio de sangue banhando suas pernas e sujando as calças, meias e sapatos.

Saíram rápido daquele local e, ainda trêmulos, se dirigiram para suas casas, onde relataram o ocorrido às mulheres e aos filhos, incrédulos.

Na manhã seguinte, ao retornarem à sede da associação, deparam-se com o mesmo quadro da noite anterior. Cacos de vidro encontravam-se espalhados pelo chão; vinho escorrido manchava tapetes, papéis e materiais de escritório, caídos pelo solo; cadeiras e móveis achavam-se virados e alguns até mesmo quebrados.

Por volta das onze horas da manhã, ainda comentando as cenas vivenciadas na véspera, receberam uma ligação telefônica informando sobre a morte de um dos associados, o mais gozador de todos, que, infelizmente, havia falecido precisamente naquela meia noite.

Tratava-se do franco-atirador (ou sniper) que, certamente em uma derradeira brincadeira ‘post-mortem’, mandara o recado para seus companheiros veteranos de que estava bem aonde quer que, porventura, se encontrasse, acertando com sua arma etérea todos os alvos de vidro contidos naquela sala.

UMA NOVA E PROMISSORA DIMENSÃO

Corria o ano de 1964. No mês de março daquele ano os militares depuseram o presidente eleito e instauraram um regime militar que durou cerca de dezessete anos.

No exterior, naquela mesma ocasião, mais precisamente na região do Caribe conhecida como Triângulo das Bermudas, aviões e embarcações haviam desaparecido, com seus tripulantes e passageiros, sem deixar vestígios.

No país, logo após o Golpe de Estado, começaram a surgir movimentos guerrilheiros cujo objetivo era o de derrubar o governo militar através da implantação da Guerra de Guerrilhas ou Guerra Revolucionária, tanto urbana quanto rural.

Os movimentos guerrilheiros, nascentes, costumavam recrutar seus membros entre militares e civis, descontentes com a derrubada do presidente constitucional.

Em uma fria noite de junho, do ano de 1968, em determinada escola de aviação militar, ao efetuarem a chamada noturna para verificação de presença, deram pela ausência de determinado cadete aviador. Nos dias seguintes, permanecendo a ausência do militar, as autoridades

procederam a buscas em sua residência, em hospitais e nas delegacias policiais, infrutiferamente.

Colegas seus declararam que a última vez que o haviam visto fora, logo após o jantar, passeando sozinho pelo pátio de estacionamento das aeronaves, bem em frente aos hangares de manutenção de aeronaves. A partir deste horário ele não havia mais sido visto.

As buscas ainda permaneceram por alguns meses, porém, findo determinado período, foi dado como desaparecido e esquecido pelos instrutores, professores e companheiros de turma.

Seus colegas, anos depois, foram promovidos a oficiais e designados para servir nas diversas Bases Aéreas espalhadas por todo o vasto território nacional.

Em outubro de 1975, uma pequena notícia em um jornal cubano dava ciência de que, na província de Cienfuegos, surgira um indivíduo andando a esmo, como se estivesse perdido e drogado. Ao ser conduzido perante as autoridades policiais, afirmara estar retornando de uma outra dimensão, através de um portal dimensional existente naquela região. Dizia haver penetrado nesta desconhecida dimensão, para a qual vão todos os seres humanos após sua morte, por um mero acaso. Afirmava que ao dar um passeio, após o jantar, quando servia em uma Organização Militar, penetrara em um portal que se abria em seu caminho e mergulhara nesta

nova dimensão, inimaginável para quem quer que seja e aonde só se adentra sob a forma espiritual. Ele foi o único que foi introduzido, em vida, aquele local só freqüentado pelos mortos.

Tido como louco, em razão de seus depoimentos, havia sido internado em casa de saúde daquele país para tratamento e fora, desde então, esquecido pelas mídias cubana e internacional.

No ano de 1981 os militares, pressionados por vários setores da sociedade, resolveram proceder a uma abertura política, pensando em restituir o poder aos civis.

Pouco tempo depois foram realizadas eleições para o cargo de Presidente da República.

Desde então, sempre de quatro em quatro anos, passaram a ser realizadas novas eleições para o cargo máximo de dirigente da nação.

Em determinada ocasião um partido de esquerda, congregando ex-guerrilheiros (que haviam sido torturados, condenados e presos e/ou exilados políticos) e ex-trabalhadores, além de sindicalistas, chegou ao poder.

Como um ato de reparação aos opositores do governo militar – eles mesmos, dentre os quais alguns haviam se envolvido na luta armada e sido torturados, presos e/ou exilados - ou àqueles que, sendo apenas simpatizantes destes, haviam perdido seus empregos públicos ou privados, foi criado um

‘Comitê’ para analisar, caso a caso, e propor as indenizações pecuniárias cabíveis.

As indenizações, que começaram a ser concedidas, passavam a vigorar desde a data em que a, suposta, violação dos direitos humanos havia sido cometida contra os reclamantes, até a data em que o caso fora julgado e aprovado. Com isto, polpudas indenizações foram sendo recebidas por aqueles que iam tendo seus casos analisados e que recebiam pareceres favoráveis da referida Comissão.

Um dos casos que chamou a atenção da Comissão foi a de um pleiteante a substancial indenização retroativa, e a aposentadoria como Brigadeiro do Ar, que havia servido em uma escola de aviação militar e que, em razão de suas convicções políticas contrárias ao golpe militar, segundo afirmava, fora perseguido pela oficialidade e criticado por seus companheiros de farda, razão pela qual havia ingressado nos idos de 1968 em organização guerrilheira e partido para a clandestinidade.

Em seu pedido de reparação, conforme constava do processo elaborado por seus quatro advogados, além dos salários atrasados pedia a pensão correspondente e a promoção a Brigadeiro do Ar, posto este a que alguns de seus companheiros de turma, que ele considerava como seus paradigmas, haviam chegado ao final de mais de trinta anos de carreira militar.

A Comissão, em suas sindicâncias, descobriu que o pleiteante possuía o mesmo nome de um indivíduo encontrado em Cuba no ano de 1975, que afirmara haver penetrado em uma outra dimensão aonde permanecera por vários anos. Ele, todavia, ao ser inquirido pela Comissão, afirmou que nunca havia estado naquele país e que, após haver entrado para a guerrilha, se mantivera na clandestinidade até a promulgação da Lei de Anistia, quando então teria saído de seu ‘aparelho subversivo’, onde se escondera após a morte de todos os seus companheiros de guerrilha - tal qual a menina Anne Frank durante a Segunda Guerra Mundial, na cidade de Amsterdã, na Holanda.

Perguntado sobre a sigla da sua organização guerrilheira e o nome de seus companheiros, apresentou sigla e nomes desconhecidos pelos demais ex-guerrilheiros, que fizeram parte da luta armada e que faziam parte da referida comissão.

Após a análise do caso, a Comissão ficou dividida. Alguns de seus membros o consideravam um mero oportunista que queria pegar carona naquele trem. Outros o julgavam um maluco, que já havia sido internado como tal em Cuba. Outros, ainda, imaginavam que sua história poderia ser verdadeira, embora ele afirmasse que todos os seus companheiros de guerrilha haviam sido presos e assassinados pelos militares, que haviam queimado seus corpos e jogado as

cinzas no Oceano Atlântico, não possuindo, portanto, nenhuma testemunha ocular de sua passagem pela oposição armada ao governo militar.

No momento em que esta estória estava sendo redigida seu caso ainda não havia sido decidido, em que pese à forte pressão exercida por uma conhecida banca de advogados que o representava, perante aquela douta Comissão, e que antevia uma nova e promissora dimensão, para o seu futuro e para o da banca...

O SEGREDO DA CASA MAL ASSOMBRADA

Na ocasião em que os fatos aqui narrados se passaram, eu era um jovem com cerca de quatorze anos e vivia com meus pais e uma irmã, ainda de colo, em uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo.

A rua em que morávamos, situada em um bairro de classe média, era tranqüila e agradável.

Ao lado de nossa casa havia um terreno baldio e, logo em seguida, uma casa de dois andares toda construída em madeira. Nesta casa que hoje se encontra vazia morara, tempos atrás quando eu ainda não era nascido, uma família de eslavos que havia emigrado para o Brasil no início do século XX. A família, constituída do casal e de quatro filhas, viveu naquele local por vários anos de modo, aparentemente, feliz. Davam-se bem com todos os demais moradores e viviam pacatamente, sem incomodar quem quer que seja e sem serem incomodados.

Em uma determinada noite de agosto, quando uma forte cerração descera sobre aquela cidade, foram ouvidos gritos vindos da casa dos eslavos.

Nenhum vizinho se preocupou em averiguar o que estava acontecendo, atribuindo aqueles gritos, por comodidade, aos

costumes sociais, raciais ou religiosos daqueles estrangeiros estranhos.

Na manhã seguinte, já com o sol despontando em um céu límpido e azul, alguns vizinhos, dentre os quais meus pais, vendo a casa em silêncio e fechada, chamaram por eles no portão.

Como ninguém viesse atender entraram na varanda, de onde viram a porta da sala aberta. No chão sujo de sangue depararam com os corpos de toda a família, assassinada com requintes de extrema crueldade.

O inquérito policial que se seguiu nada apurou e, pouco tempo depois, a casa foi leiloada pelo banco que detinha sua hipoteca.

Uma nova família mudou-se, então, para a casa. O chefe era um pequeno negociante que, após dois anos morando ali, falira e mudara-se para outro Estado tentando reconstruir a vida.

O novo morador também passara apenas um ou dois anos sob aquele teto e, tendo sido abandonado pela esposa que o traía, partira desgostoso para nunca mais retornar.

Desde então a residência permaneceu vazia e fechada.

Os meninos do bairro, dentre os quais eu me incluía, por diversas vezes ao passar pela frente da casa, vendo que ninguém os observava, atiravam pedras em suas janelas e vidraças.

O comentário geral era de que aquele local era mal assombrado, embora ninguém jamais houvesse visto um único espectro percorrendo seu quintal ou passando por detrás de alguma janela quebrada.

A partir de determinada data, moradores que chegavam do trabalho, ou da boêmia, pela madrugada, passaram a comentar que algumas vezes, ao passarem em frente àquela residência, notavam luzes em seu interior e ouviam gritos abafados, uivos e, até mesmo, ruídos de tapas, socos e agressões.

Tais afirmações foram encaradas, pela maioria dos moradores, como delírio fruto do estado etílico da maioria dos notívagos que por ali circulavam nas frias madrugadas do bairro.

Eu, naquela ocasião, jovem aventureiro, corajoso e cheio de hormônios da puberdade, resolvi fazer minhas investigações particulares sobre o mistério que envolvia aquela mansão.

Procurei dormir bastante durante o dia para poder, durante as madrugadas, permanecer acordado de plantão e passar, de hora em hora, em frente à casa suspeita a fim de observar seu interior, em busca de luzes, de ruídos ou, até mesmo, de seres sobrenaturais.

Após mais de uma semana de constante observação durante as noites, finalmente, meu esforço foi recompensado.

Em minha segunda passagem pela casa, naquela noite, avistei luzes em seu interior. Aproximando-me, cautelosamente, pulei a cerca e percorri o gramado abaixado, caminhando pelas sombras.

Dirigi-me para os fundos, onde uma janela iluminada permanecia aberta e não era visível por aqueles que passavam pela rua.

Ao me aproximar da janela rastejando comecei a ouvir sons, vindos do interior, que pareciam uivos misturados com murmúrios e vozes, além do barulho de tapas e bofetadas.

Em minha mente juvenil imaginava um ritual satânico sendo presidido pelo próprio Belzebu, ou um conclave de espectros, vindos das profundezas do inferno que escolhera aquele local, onde um tenebroso crime havia sido perpetrado, para uma reunião maléfica visando disseminar o mal por todo aquele nosso bairro.

Caminhando sorrateiramente pelas sombras fui me aproximando, até ficar sob o peitoril da janela. Lentamente levantei a cabeça.

A cena com que me deparei naquela oportunidade, com certeza, jamais conseguirei esquecer. Em meus quatorze anos de existência nunca havia presenciado nada parecido e que tenha me emocionado tanto.

Sobre uma cama de casal e sob fortes holofotes, dois casais, inteiramente nus, praticavam sexo sob as mais variadas

formas. Uma câmera cinematográfica registrava toda a cena, onde valia tudo, inclusive tapas, bofetadas e arranhões. As mulheres uivavam e os homens soltavam palavrões que eu já ouvira, porém não sabia, até então, seus verdadeiros significados.

Fiquei por ali, em meu posto de observação, até que as filmagens terminaram, por total esgotamento dos personagens.

Após apagarem-se as luzes, ainda permaneci por algum tempo naquele esconderijo ouvindo o que conversavam. Pude, então, desvendar todo o mistério que envolvia aqueles acontecimentos.

Um morador das vizinhanças, empresário de filmes pornográficos, sabedor que aquela casa encontrava-se vazia e desocupada, resolvera utilizá-la para a elaboração de suas filmagens, o que fazia pela madrugada para evitar que os moradores viessem saber e, eventualmente, impedissem sua atividade naquele local.

Comentaram também, entre eles, quais seriam as próximas noites em que efetuariam novas filmagens durante aquele mês; datas estas que, embora no escuro, tive o cuidado de escrever a caneta na palma da mão para não esquecer.

Comentaram, ainda, que era conveniente que todos eles espalhassem, pela região, que a casa era mal assombrada, visando manter os curiosos afastados.

Esgueirando-me rapidamente, pulei a cerca e dirigi-me feliz para o meu quarto, onde custei a dormir, tal o estado de emoção e de excitação em que me encontrava.

Na manhã seguinte acordei bem cedo, pois queria ser o primeiro a espalhar pelo bairro o boato de que fantasmas horrendos, vindos das profundezas do inferno, habitavam aquele maldito lugar...

MEDO DO ESCURO

No colégio interno onde passei quase toda a minha primeira infância, em razão dos inúmeros afazeres de meus pais que, naquela ocasião, passavam por grave crise financeira motivada por investimentos mal sucedidos no mercado de ‘rinhas para brigas de galos’, fiquei conhecendo um menino que me segredou uma estória emocionante.

Meu companheiro era mais baixo do que eu alguns centímetros, o que fazia com que eu, ao olhá-lo de cima para baixo, fosse por ele considerado quase como um irmão mais velho, pronto a protegê-lo de eventuais perigos reais ou imaginários. Por isto, depositava inteira confiança em mim.

Segundo me contou, um dia durante o recreio, o escuro sempre lhe causara medo. Desde criança quando a mãe à noite lhe dava mamadeira, não a vendo, imaginava um monstro repugnante, com mil tetas, a alimentá-lo no colo. Qualquer ruído ou barulho que o pai fazia naquelas ocasiões o amedrontava, pensando tratar-se de um monstro com duas cabeças horrendas, se aproximando para devorá-lo.

Sua juventude transcorreu como um verdadeiro inferno de Dante.

Tudo o que fazia no escuro lhe dava arrepios. Imaginava-se caindo em um poço sem fundo, sendo agarrado por seres

medonhos, afogando-se em rios de fogo e lava ou deparando-se com fantasmas horrendos.

Certo dia, encontrando-se na mais total escuridão no fundo do quintal, ouviu uma linda voz, que a ele se dirigia.

A princípio assustou-se, pois nunca ouvira um som tão belo quanto aquele. A voz, chegando mais perto, identificou-se como sua nova vizinha, que há pouco havia se mudado para a casa ao lado.

Perguntou-lhe, então, a jovem, o que fazia escondido atrás de uma árvore no jardim.

Ele respondeu que tinha muito medo do escuro e, por isso, se escondia.

A vizinha, exalando um agradável perfume de rosas, chegou bem próxima dele e falou baixinho em seus ouvidos: - Porque você vive de olhos fechados? Porque não abre os olhos?

Ele, a seguir, abrindo devagar as pálpebras, deparou-se com uma manhã radiosa onde o sol, brilhando em um céu azul, deitava raios luminosos sobre a relva do jardim, molhada pelo orvalho da manhã.

Flores e pássaros coloridos, nunca antes vislumbrados, agora povoavam aquela escuridão que, até então, preencheria sua vida, já que sempre vivera de olhos fechados.

Virando-se para ela, disse agradecido: - Puxa! Eu nunca havia aberto os olhos antes! Como o mundo é bonito! Ainda bem que você se mudou para este bairro!

Dirigindo-se, em seguida, para o interior da sua casa, a fim de comunicar aos pais a nova descoberta, logo ao entrar deparou-se com a mãe, um monstro com mil tetas preparando o almoço na cozinha e o pai, um monstro horrível, com duas cabeças, sentado na sala vendo a televisão. Ao penetrar no corredor, caminhando em direção ao seu quarto, contemplou fantasmas horrendos que se moviam pelo interior da residência. Ao entrar em seu quarto, vislumbrou um poço profundo, do qual saiam seres medonhos que tentavam arrastá-lo para o rio de fogo e lava incandescente, que corria por debaixo daquela casa e de onde emanava um forte cheiro de enxofre...

.

OS ANJOS INVADEM A TERRA

O acontecimento que abalou a pequena cidade de Ribeirópolis, no interior de um Estado do Nordeste, ocorreu muito antes de a mídia mundial começar a divulgar, incansavelmente, casos de contatos de primeiro, segundo e terceiro graus com seres extraterrestres ou, até mesmo, episódios de abduções por naves alienígenas. Os únicos seres que poderiam almejar descer dos céus, conforme a crença local admitia, eram os anjos - que o padre da antiga igreja, construída pelos desbravadores do sertão, não cansava de elogiar em suas pregações dos domingos e dias santos.

Naquele lugar longínquo, onde a televisão ainda não havia chegado, os jornais saíam quinzenalmente e a rádio local apenas irradiava as palavras do vigário e uma ou outra música sacra (dentre as quais a mais tocada era a Ave Maria), era praticamente impossível que uma estória como a que vou narrar, por dela haver participado como coadjuvante, não fosse inteiramente verdadeira.

Meu pai, em razão de grave revés financeiro com a comercialização de ‘produtos piratas’, mudara-se com toda a família para aquele pequeno município, que possuía alguns garimpos de pedras preciosas e algumas fazendas agro-

pecuárias, objetivando entrar no ramo da exportação clandestina daquelas pedras e, com isto, recuperar o seu anterior patrimônio perdido.

A casa onde fomos residir ficava as margens de um rio que, embora manso e relativamente pequeno, na época das chuvas tornava-se caudaloso e avançava até quase nosso quintal.

Em uma casa vizinha a nossa residia uma família de gaúchos que também fora para aquela região, alguns anos antes, para tentar a sorte.

Possuíam duas filhas, uma com dezessete anos e a outra com dezoito.

As meninas eram lindíssimas. Tinham belos olhos verdes, cabelos louros e corpos que eram olhados com inveja pelas outras mulheres e com cobiça por todos os homens do local. Sabedoras do valor intrínseco que possuíam, em uma terra onde o tipo físico predominante de mulher era o da cabocla ou da cafuza, vendiam bem caro os seus olhares brejeiros aos pobres jovens locais, que as assediavam em suas incansáveis disputas.

Entretanto, por força dos hormônios próprios daquela idade, eram vistas muitas vezes suspirando pelos cantos, folheando uma ou outra revista que lhes caia as mãos com fotos de artistas de cinema, de cantores ou de atletas de qualquer modalidade esportiva.

Em uma manhã nublada, após uma noite chuvosa com muitos raios e trovões, quando o nível do rio subira quase alcançando a cerca do terreno, seus pais ao entrarem no quarto que ocupavam, para acordá-las, constataram que as mesmas haviam desaparecido.

Procuraram-nas primeiro pelas vizinhanças, com o auxílio de amigos da família e de admiradores das moças; depois, por todo o município com o auxílio da polícia. Havia desaparecido totalmente. Parecia que ambas tinham sido conduzidas dali para local desconhecido, sem deixar nenhum vestígio ou marcas. Suspeitou-se de assassinato, de rapto ou, até mesmo, de fuga.

Entretanto, por mais que o povo da cidade especulasse a respeito, seus pais não viam qualquer motivo para nenhuma das hipóteses levantadas.

Instadas pelo padre e pela congregação de beatas, foram feitas inúmeras novenas milagrosas, rogando aos céus pela volta das duas lindas jovens.

Eu, como jovem vizinho e admirador fervoroso de ambas, que costumava espioná-las tomando banho de rio quase desnudas, participei, voluntária e incansavelmente, junto com os demais habitantes locais, de todos os esforços promovidos para encontrá-las; pois, ainda não tinha perdido as esperanças de algum dia vir a desfrutar do interesse e dos favores de alguma delas.

Por fim, com o passar do tempo, todos assumiram que elas, realmente, haviam desaparecido misteriosamente para não mais voltar.

Tendo passado oito meses da data do sumiço das jovens, uma bela manhã de sol as duas apareceram no centro da cidade, cada uma carregando uma pequena maleta de mão.

Vinham da direção da fazenda de propriedade de dois irmãos, solteiros e ricos, que plantavam café e cacau para exportação.

Traziam, além das pequenas maletas, duas enormes barrigas, indicando estarem pelo oitavo ou nono mês de gestação.

Em casa, na presença dos pais, do padre e de diversos moradores, puderam, finalmente, contar uma fantástica estória sobre o que lhes havia ocorrido.

Segundo relataram, envergonhadas e cabisbaixas, naquela noite de chuva forte, repentinamente, o quarto onde dormiam havia sido iluminado por uma intensa luz que as cegou momentaneamente.

Com a diminuição da intensidade da luz, puderam ver dois anjos que as convidaram a visitar a morada dos Deuses. Os anjos fizeram-nas entrar em um veículo prateado que, a uma velocidade incrível, as havia conduzido para uma terra distante, em um local do céu para elas totalmente desconhecido.

Naquela terra tudo era diferente do que conheciam. Embora só tivessem ficado poucos dias visitando aquele local, os anjos

lhes informaram que no lugar de onde tinham vindo (Ribeirópolis) já haviam transcorrido vários meses, em razão do fenômeno físico da relatividade espaço-temporal.

Ao conduzi-las de volta, afirmaram que o crescimento de suas barrigas, que já haviam notado, era normal e devia-se a um fator gravitacional que acometia a todos os viajantes espaciais. Com o passar do tempo elas desapareceriam. Disseram, também, que os Deuses, dentro de mais alguns dias, enviariam dois bebês para que elas cuidassem, com vistas a observar se aqueles pequenos filhos de divindades se adaptariam a vida em nosso planeta.

Seus pais, muito religiosos, ajoelharam-se para orar em agradecimento, no que foram seguidos pela multidão de trabalhadores rurais e de garimpeiros, que a tudo assistia.

O padre, demonstrando certo ceticismo, deu início a uma oração em louvor, que foi rezada por todos os presentes.

Os bebês que chegaram, poucos dias depois, eram, segundo opinião daqueles que os contemplavam muito parecidos com os dois ricos fazendeiros locais - os quais, rapidamente, prometeram ao padre mandar erguer em suas terras uma capela, em agradecimento aos Deuses por aquela deferência de enviar dois anjos tão parecidos com eles.

Um dia eu realizava um pequeno trabalho, a pedido do pai das jovens, no sótão da casa deles, quando, ao abrir um pequeno baú cheio de velharias, encontrei o livro de um autor

inglês, traduzido, com uma estória muito parecida com aquela do depoimento que ouvira relatado pelas meninas.

Imediatamente pensei, fazendo contristado o sinal da cruz: - Milagres realmente podem acontecer. Quando os Deuses querem, até mesmo a ficção pode se transformar em realidade!

O VAMPIRO DE VILA VALQUEIRE

Em Vila Valqueire, bairro do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, onde residi com meus avós durante minha infância, conheci um menino com o qual costumava brincar em uma pracinha perto de casa.

Era uma criança bastante diferente das demais, razão pela qual, frequentemente, brincava sozinha e isolada em um canto mais escuro do jardim, já que as demais crianças a evitavam.

Por sermos vizinhos de rua, acabamos nos tornando amigos e fiquei, assim, conhecendo sua história.

Desde que nasceu sempre fora uma criança muito sensível. Não podia ver sangue nem pessoas feridas. Não que isto lhe causasse medo ou nojo, porém, pelo contrário, atraía-o. Ao ver sangue sentia enorme vontade de bebê-lo.

A luz do sol também o incomodava, obrigando-o a cerrar as cortinas do quarto e a usar óculos escuros.

Seus pais nunca suspeitaram de nada e o tratavam como uma criança normal; embora sua mãe, logo que o trouxe da maternidade, tendo feito um corte junto ao seio, ao colocá-lo para mamar notou que ele, ao invés de sugar o seio, sugava o ferimento.

Sua infância transcorreu normalmente, sem nenhum fato importante que chamasse a atenção dos demais, a não ser que, quando alguma criança, brincando, se machucava de sair sangue, ele oferecia-se sempre para lambar o ferimento, afirmando que parava de sangrar instantaneamente.

Seus pais sempre foram pobres e, com o passar do tempo, ao atingir a puberdade, não podiam comprar todos os dias as carnes suculentas que ele solicitava; fato este que originava, por vezes, discussões e brigas em família.

Em certa ocasião os pais notaram que os seus dentes foram ficando pontudos, sendo que os caninos projetavam-se para fora da boca. Suas orelhas ficaram maiores e afilaram na parte superior. As unhas também ficaram maiores e afiadas, como garras de algum animal ou ave. Nasceram-lhe grossos pêlos no corpo e as sobrancelhas ficaram grandes e cerradas. Sua aparência física foi, cada vez mais, ficando parecida com a de um morcego.

Por essa época quase não saía mais de casa e havia emagrecido muito, já que nenhum alimento, a não ser carne sangrenta, lhe caía bem.

Seus pais, embora ignorantes, a certa altura, premidos pela necessidade financeira, resolveram expô-lo à curiosidade pública, evidentemente cobrando ingressos, em uma grande gaiola especialmente mandada construir sob medida para ele.

Com o dinheiro a partir de então arrecadado, sua alimentação melhorou e já podia, agora, tomar quantos litros de sangue bovino quisesse. Para tanto, bastava que descesse do poleiro onde ficava pendurado de cabeça para baixo, pelos pés, meio adormecido a maior parte do dia, e abrisse a geladeira que se encontrava dentro da gaiola.

Hoje, a família toda vive feliz, já que a afluência do público é grande e o preço das entradas tem acompanhado a alta da inflação.

Redes de TV e companhias cinematográficas já ofereceram contratos para entrevistas, para trabalhos de ‘dublê’ do ‘Batman’, do ‘Wolverine’, para refilmagens das estórias do Conde Drácula, da Família Adams, etc.; contratos estes atualmente sendo analisados pelos advogados da família que já solicitaram, ao Ministério das Relações Exteriores e ao IBAMA, autorização para viagens do morcego ao exterior.

Neste particular, foram mais inteligentes que os pais de Gregório Samsa, do conto de Franz Kafka ‘A Metamorfose’ que, ao verem o filho se transformar em uma grande barata, acabaram por conduzi-lo à morte, sem tirar nenhum proveito financeiro desta feliz e rara oportunidade...

UMA SIMPLES IDA AO CENTRO DA CIDADE

O episódio que passarei a narrar ocorreu no ano de 1999, na cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. De tão inusitado que é, a princípio, não acreditei em sua veracidade, porém, após conhecer sua protagonista principal, por quem acabei me apaixonando a ponto de pedi-la em casamento, pude constatar que era a mais correta expressão da verdade.

Na época em que tais fatos se deram, a personagem principal possuía apenas treze anos.

Embora uma menina esperta e inteligente, nunca havia ido sozinha ao centro da cidade.

Filha única residia com os pais em um bairro na periferia do município. Estudava em uma escola pública municipal próxima de sua casa.

Certo dia, a pedido dos pais, saiu mais cedo, antes da hora da entrada do colégio, para uma simples ida ao centro comprar material escolar.

Tomou o ônibus que por ali passava, achando que ia para o centro, porém, após rodarem quase meia hora por lugares totalmente desconhecidos, não tendo chegado ao centro,

indagou a razão ao motorista. Este afirmou que aquele ônibus não ia para o centro e pediu-lhe que descesse e tomasse outro. Pegando outro ônibus, após mais meia hora rodando, foi novamente informada, pelo motorista do coletivo, para que descesse e apanhasse outro.

Já fazia duas semanas que trocava de ônibus, constantemente, sem conseguir chegar ao seu destino, o centro. Como estava de uniforme colegial não pagava passagem.

Os dias e as noites se sucediam infundáveis, sem que ela chegasse ao seu destino.

Havia sofrido em pé durante intermináveis horas, sob um calor infernal, em engarrafamentos. Andava em ônibus vazios, cheios e lotados.

Um dia, notou que a regra não havia vindo aquele mês. Mais alguns meses se passaram até notar que sua barriga crescia e que havia movimentos lá dentro.

Pensou consigo mesma, enquanto aguardava o sinal vermelho abrir para que o veículo pudesse prosseguir: -“Será que foi naquele engarrafamento, quando o ônibus estava lotado e eu fiquei imprensada entre aqueles dois ‘Paraíbas’ baixinhos?”.

A barriga crescia a olhos vistos e agora, felizmente, já lhe davam lugar para sentar nos ônibus lotados.

Por volta do oitavo mês de gravidez, ao passar por sob um viaduto, observou uma placa rodoviária onde conseguiu ler:

São Gabriel da Cachoeira - Estado do Amazonas – Centro da Cidade - 15 KM.

Resolveu descer após os 15 quilômetros, pois, pelo menos, havia chegado a um centro e aqueles solavancos da estrada de terra a incomodavam bastante, fazendo com que a criança se movesse dentro de sua barriga.

Atendida no posto de saúde local onde procurou auxílio, teve o bebê ali mesmo. Aquela era uma criança bastante saudável que, realmente, possuía traços de ambos os ‘Paraíbas’ baixinhos daquela viagem.

Uma enfermeira do posto, compadecida de suas desditas, ofereceu-lhe a residência na periferia para que ficasse até o bebê crescer um pouco mais.

Meses depois, necessitando ir ao centro de São Gabriel da Cachoeira com o filho pequeno, para comprar fraldas, tomou um ônibus, logo depois outro, a seguir mais outro e, aproximadamente oito meses depois, chegou ao centro de Niterói, sua cidade de origem.

Ao dirigir-se à casa dos pais com aquele bebê no colo, enquanto caminhava - pois foi a pé para lá por razões de segurança – pensava temerosa: -“Eles não vão acreditar em mim. Vão me expulsar de casa e o que é pior, ainda perdi o ano letivo!”.

Anos depois, vindo a conhecê-la em uma feira nordestina no Campo de São Cristóvão, a qual ela sempre freqüentava na

esperança de algum dia poder encontrar algum daqueles ‘Paraibas’ baixinhos para pleitear a pensão alimentícia de seu filho, acabamos nos enamorando, perdidamente, um pelo outro.

Querendo assumir integralmente aquele amor, propus-lhe assumir a paternidade daquela criança e nos casarmos, em cerimônia simples, em uma pequena capela de Niterói.

No dia marcado para nosso enlace cheguei cedo à capela, quase junto com os padrinhos e convidados. Com o passar do tempo, como ela tardasse a chegar, liguei para seus pais.

Estes, ainda em casa, afirmaram que ela havia saído de manhã para, em uma simples ida ao centro, comprar alguma coisa para a cerimônia do casamento e, até àquela hora, ainda não havia retornado.

Recentemente recebi uma carta dela, postada no correio da cidade de Tarauacá, na fronteira do Acre com a Colômbia, dizendo que espera a baixa das águas do rio para poder, em uma pequena canoa, navegar até o município vizinho, distante trinta léguas, de onde tentará tomar um ônibus com destino a Niterói.

A VERRUGA IMPERIALISTA

No município de Santana da Boa Esperança, onde residi alguns meses durante o ano de 1981, buscando isolar-me do constante assedio de alguns oficiais de justiça que teimavam em entregar-me determinados papéis para que assinasse, tomei conhecimento de um estranho caso, ocorrido no ano anterior naquele afastado rincão do país.

Segundo me relatou o dono do hotel onde fiquei hospedado, o filho do proprietário do açougue olhando seu braço, certa ocasião, notou uma pequena verruga que coçava.

Ao coçá-la, percebeu que ficava vermelha e aumentava de tamanho.

Passando em uma farmácia local e mostrando o braço ao farmacêutico, este recomendou como sendo infalível um determinado líquido ácido. Aquilo era ‘tiro e queda’ no dizer do seu Olavo, o dono da farmácia.

Esfregou o produto no braço durante vários dias, porém, em vez da verruga desaparecer ela aumentava de tamanho, procurando, cada vez mais, ganhar território inimigo.

Em outras farmácias que procurou, ao longo daquele mês, receitaram-lhe várias pomadas e unguentos. Nada do que lhe prescreviam, entretanto, fazia efeito.

Vizinhos, ao saberem do problema, indicaram rezas de ‘Pais de Santo’ e benzeduras de ‘Pretos Velhos’.

Tudo aquilo parecia fortificá-la, fazendo-a aumentar de tamanho à olhos vistos, sempre em busca de expandir seus domínios.

Foi a alguns dermatologistas que, após tentarem de tudo, afirmaram que a solução seria extirpá-la cirurgicamente.

Feita a cirurgia, pouco tempo depois lá estava ela, no mesmo lugar, aflorando mais forte ainda.

A verruga ia crescendo dia a dia, aumentando de tamanho, sentindo-se dona do pedaço. Em pouco tempo havia tomado todo o braço e se estendido ao peito, perna e pescoço, já se considerando como proprietária de todo aquele continente.

Mais alguns dias e já estava quase do tamanho do filho do açougueiro. Pouco tempo depois já o havia ultrapassado.

Um dia, ao acordar, ele foi surpreendido com a verruga sentada na cama, derramando sobre ele um líquido ácido e, pouco depois, passando-lhe uma pomada...

OS FILHOS DO DEMO

Eram dois irmãos nascidos no mesmo dia, com diferença de minutos, na casa de número 579 da Alameda dos Pinheiros, no bairro do Méier, naqueles idos de 1940. Formavam um par de varões tão iguais que, conforme disse o padre que os batizou, citando Machado de Assis em Esaú e Jacó: - “Antes pareciam a sombra um do outro, se não era simplesmente a impressão do olho, que via dobrado”. A parteira que assistia a mãe logo às primeiras contrações, afirmara, conforme relatado posteriormente pela vizinha do lado, dona Yolanda, estar com um mau pressentimento sobre aquele parto.

Naqueles idos, raríssimas mulheres faziam o pré-natal. Chegada a hora recorriam às parteiras do bairro que, em noventa por cento dos casos, atendiam as parturientes sem a necessidade de nenhum apoio médico-hospitalar.

Tão logo iniciado o trabalho de parto, dona Carmem - assim se chamava a mãe dos dois varões - mandou chamar a parteira que morava próximo e ficou aguardando a sua chegada junto com dona Yolanda.

Pouco tempo depois, com a chegada da parteira, tiveram início os trabalhos propriamente ditos e veio à luz não apenas

um, conforme esperado, mas dois bebês, para surpresa de todos.

Aqueles dois bebês já iniciaram suas trajetórias neste atribulado mundo provocando desavenças e discussões no âmbito familiar.

O pai, seu Demóstenes, mais conhecido como Demo, ao chegar do trabalho e deparar-se com aquelas duas crianças, sentou-se à mesa e começou a chorar. Todos os presentes acharam que havia se emocionado com aquela dádiva divina, porém, prestando mais atenção verificaram que chorava apenas de raiva, já que socava a mesa com os punhos fechados e chutando as pernas da cadeira em frente com seu sapato usado e já bastante gasto, com um visível furo na sola. Vertendo lágrimas copiosas ele murmurava, baixinho, debruçado sobre a mesa: -“ Ela não podia fazer isto comigo! Desgraçada! E agora, como é que vai ser?”.

Demóstenes, que trabalhava de vendedor em loja de tecidos na Rua Senhor dos Passos, no centro da cidade do Rio de Janeiro, havia economizado tostões e feito horas-extras para poder custear as despesas com aquela gravidez inesperada e indesejada. Ante a perspectiva de uma criança suplementar via-se novamente fazendo serões na firma e, até mesmo, trabalhando nos fins de semana. Com isto seria obrigado a abdicar das partidas de futebol, jogadas com os amigos, aos sábados, em campinho perto de casa.

Conforme previsto, as despesas de Demóstenes com os filhos subiram exponencialmente enquanto sua renda de assalariado crescia aritmeticamente. Vieram então as horas-extras, os serões e as discussões com a mulher, que sempre alegava falta de dinheiro.

Aquelas crianças representavam um martírio na vida de Demóstenes que, cada vez mais, relutava em voltar para casa. Já para Carmem elas constituíam a companhia diária que a fazia esquecer dos trabalhos domésticos, da vida apertada e da falta dos carinhos do marido.

Os bebês, batizados como Joaquim e Manuel, cresciam a olhos vistos alimentando-se com o leite forte de Carmem.

Entre brigas e discussões por falta de dinheiro, foram crescendo. Vieram os primeiros passos, as primeiras palavras, os primeiros dentes, os primeiros tombos e machucados.

Demóstenes desesperava-se para obter mais dinheiro, Carmem desesperava-se para dar conta de tudo sem dinheiro. Chegada a época da matrícula das crianças no colégio, Demóstenes obteve um pequeno aumento de salário que possibilitou, inclusive, a compra dos uniformes e do material escolar.

Quanto às crianças, falemos um pouco sobre elas. Joaquim, embora fisicamente idêntico a Manuel, era totalmente diverso em caráter e temperamento. De natureza agressiva podia-se, mesmo, afirmar que era de índole má. Empurrava e batia nos

colegas, com o intuito deliberado de machucá-los. Era egoísta e invejoso.

Manuel, por sua vez, possuía temperamento afável e cordial. Gostava da companhia dos amigos e emprestava seus brinquedos a quem quer os desejasse. Vivia feliz e satisfeito, sendo muito querido pelos companheiros de turma e professores. Sua natureza era boa, caridosa e afetuosa.

Em que pese temperamentos distintos, raramente brigavam entre si. Apenas chegaram a trocar socos e empurrões uma única vez. Foi num dia de natal quando, sem ninguém esperar, dona Yolanda tocou a campainha e Joaquim, ao abrir a porta, deparou com ela segurando dois pacotes com brinquedos. Joaquim quis logo o pacote azul, que era de Manuel, embora dona Yolanda lhe entregasse o pacote vermelho. Os brinquedos eram semelhantes, mas Joaquim tirou o pacote azul das mãos de Manuel e, quando este tentou retoma-lo, aplicou-lhe vários socos e empurrões que o jogaram por terra. Dona Yolanda, dado o caráter afável de Manuel, trocou os presentes e deu a coisa por encerrada.

Durante o período escolar, Manuel sempre recebia elogios dos professores por suas boas notas e seu bom desempenho nas atividades diárias. Joaquim, ao contrário, sempre levava anotações no boletim, relatando seu mau comportamento e suas más notas.

Com o passar dos anos, chegando à época de definirem seus destinos, Manuel resolveu dedicar-se à tarefas eclesíásticas, seguindo suas tendências caridosas e afetuosas.

Joaquim resolveu entrar para a polícia, seguindo seu temperamento violento e agressivo.

Após cursar o seminário, Manuel foi designado para pequena igreja na periferia do bairro onde sempre vivera. O local era tumultuado e perigoso.

Sua função, além de ajudar nos trabalhos evangelizadores da igreja, era a de prestar assistência aos mendigos e atuar junto de comunidade pobre que vivia em favela próxima.

Joaquim, tendo terminado o curso da Academia de Polícia, fora designado para o Distrito Policial do mesmo bairro, próximo da igreja de Manuel.

A área de atuação daquele distrito abrangia a favela em que Manuel atuava. A comunidade era dominada por facção criminosa que possuía várias “bocas de fumo” no local e grande quantidade de homens e armas.

Na qualidade de policial, Joaquim já havia trocado tiros com os integrantes daquela facção tendo, inclusive, prendido vários, ferido alguns e matado outros.

Manuel, em seu trabalho assistencial, percorria as ruas da favela levando uma palavra de conforto e de esperança àquelas populações carentes, bem como alguma ajuda

material, sob a forma de alimentos e donativos recolhidos na igreja.

Com o passar do tempo Joaquim, que havia prendido, interrogado e, até mesmo, por vezes, torturado algum bandido para que confessasse onde estavam as armas e as drogas, convenceu-se de que ali, naquela comunidade, o problema era mais social do que outra coisa. Sem assistência alguma dos poderes públicos, aquela comunidade vivia por conta própria. Os únicos empregos que forneciam alguma renda para a maioria de seus integrantes eram os de vigias e de soldados daquela facção criminosa dominante.

Os interrogatórios de que participava, na delegacia, deixavam cada vez mais claro, para ele, que aqueles “bandidos”, nada mais eram do que pobres seres humanos tentando sobreviver na selva de pedra da grande cidade. Por vezes pensava em largar aquilo tudo e mudar-se para o interior, aprofundar-se nas questões espirituais, ajudar um pouco os seus semelhantes.

Manuel, por seu turno, ao prestar assistência religiosa e caritativa àquela mesma comunidade, constatava que seus habitantes eram, em sua maioria, preguiçosos e, acostumados aos auxílios que recebiam de organizações não governamentais e religiosas, preferiam o ganho fácil trabalhando para a facção criminosa ao trabalho mal remunerado das empresas lá embaixo na cidade.

Muitas vezes sentia revolta ao constatar que, embora se dedicando intensamente àquela comunidade, a ponto de privar-se do lazer, do descanso e do tempo necessário para ler e instruir-se sobre aspectos religiosos e filosóficos dos quais gostava, aqueles mesmos moradores, ao receberem os donativos que levava, reclamavam de suas quantidades e qualidades. Por outro lado percebia que não comungavam com ele dos mesmos sentimentos caritativos e afetivos para com o próximo, que o levaram a procurar as ordens monásticas. Pelo contrário, mostravam-se egoístas e arrogantes, julgando que todas as pessoas tinham a obrigação de ajudá-los. Por várias vezes pensou em denunciar às autoridades policiais, aqueles moradores que ajudavam e escondiam os traficantes locais.

Certo dia, ao subir o morro, viu-se cercado por vários indivíduos armados. Imobilizado, foi conduzido até a boca de fumo no alto da favela. Lá os traficantes improvisaram um tribunal para julgá-lo, pois, segundo diziam, era ele, disfarçado de padre, o policial que tantas vezes havia trocado tiros com eles, ferindo e matado vários. Em que pese suas negativas, dada à semelhança, foi julgado, condenado e sentenciado à morte por fuzilamento, ali mesmo. Cumprida a sentença seu corpo foi encontrado, no dia seguinte, em uma lixeira na subida da favela.

Joaquim, ao saber do ocorrido, fez várias incursões ao morro nas quais, pessoalmente, matou vários traficantes que haviam participado do júri do irmão e que resistiram à captura.

Durante os meses seguintes seus colegas de polícia notaram que ele já não tinha mais disposição para as ações de combate ao crime, não participava mais de interrogatórios, nem havia mais encostado a mão em nenhum preso.

Pouco tempo depois pediu demissão da polícia. Alguns colegas ficaram sabendo que havia entrado para um convento em Minas Gerais

Em razão das constantes brigas entre Demóstenes e Carmem, dona Yolanda mudou-se dali para o bairro da Penha. Procurou, durante meses, uma casa isolada em uma rua discreta longe de vizinhos. Após anos convivendo ao lado daquele casal, queria era viver sossegada.

Demóstenes, após a morte do patrão da loja de tecidos, separou-se de Carmem e foi viver com a viúva. Hoje é ele quem dá as cartas na loja da Rua Senhor dos Passos.

Carmem, sem a presença dos filhos e sem Demóstenes, enveredou pelo caminho da bebida e, atualmente, mora em um abrigo para dependentes químicos mantido no interior do Estado pelos padres capuchinhos.

A parteira, toda vez que lembra daquele parto que efetuou na casa de número 579, da Alameda dos Pinheiros, nos idos de 1940 e do qual nasceram os gêmeos Joaquim e Manuel, entra

em convulsões e, falando com voz estranha e revirando os olhos, pronuncia sem parar: - Sai pra lá coisa ruim! Sai pra lá coisa ruim!

Os criminosos, daquela boca de fumo da favela, com o arrefecimento das incursões policiais a partir da saída de Joaquim, fizeram novos investimentos no morro e, hoje, possuem lá uma verdadeira destilaria onde produzem todo tipo de substância estupefaciente, que distribuem para o município e cidades vizinhas.

Na igreja do bairro, um novo vigário veio ocupar o lugar anteriormente preenchido por Manuel e continua fazendo o mesmo trabalho que ele fazia, agora sob os olhares vigilantes dos traficantes.

Salvo um ou outro antigo morador detentor de boa memória, era como se aquela família, e aqueles acontecimentos, jamais houvessem existido, tragado que foram para sempre pela voragem do tempo e pelo esquecimento da História...

A SOCIEDADE SECRETA

Internado na enfermaria de hospital municipal, no ano de 2002, após ser atingido por uma bala perdida disparada durante confronto entre traficantes e policiais, na subida do morro onde residia, naquela ocasião, fiz uma longa e profunda amizade com meu vizinho de cama.

Havendo dado entrada, desfalecido, naquele antigo hospital, logo após ser resgatado pela polícia de uma turba exaltada que o agredia, e tendo sofrido várias fraturas e escoriações, encontrava-se ali, já há algumas semanas, em tratamento.

Em uma de nossas conversas contou-me sobre a história de sua vida e de como havia chegado até aquela cama de hospital.

Segundo me relatou, sempre fora interessado pelas coisas esotéricas. Toda vez que lhe caia à mão alguns livros ou revistas que porventura falassem de magia, levitação, alquimia ou quaisquer segredos ocultos, lia-os avidamente. Possuía um colega de trabalho pertencente a uma sociedade esotérica que, veladamente, havia-lhe segredado algumas coisas da ordem. Dissera-lhe que eles se comunicavam, entre si, por meio de sinais, toques e palavras. Através deste processo, segundo lhe dissera o amigo, podiam reconhecer

qualquer irmão – pois era assim que se tratavam - em qualquer lugar do mundo.

Interessadíssimo naquilo havia tentado, por intermédio do colega, entrar para a ordem.

Sua tentativa havia sido infrutífera, pois, apresentado pelo amigo, tivera seu nome recusado por maioria plena no escrutínio secreto realizado na ‘Loja’ à qual desejava filiar-se. Pouco depois, tendo visto um anúncio na imprensa sobre a Ordem Rosacruz, preencheria alguns papéis e enviara pelo correio para a caixa postal indicada no anúncio. Algumas semanas depois recebeu um comunicado informando que seu nome não havia sido aprovado, em razão dos inúmeros processos a que respondia nas justiças cível e criminal.

Tentou também a Maçonaria, a Ordem dos Cavaleiros Templários, a Ordem de Molay e os Iluminatti, sem o menor sucesso. Algumas nem se davam ao trabalho de responder suas cartas.

Uma ocasião, ao folhear um jornal de determinada seita religiosa, veio-lhe à mente a idéia: - Porque não criar a minha própria sociedade secreta?

Da idéia passou à ação. Durante alguns meses procurou desenvolver arcabouço teórico que vinculasse sua ordem ao antigo Egito, aos mistérios de Isis e Osíris e à Escola Pitagórica. Criou palavras código, sinais e toques de mão, para serem usados pelos membros da sociedade.

Obteve emprestado de um primo um pequeno galpão, perto de um depósito de lixo, que transformou em local de reunião da ordem, à qual denominou “Irmandade de Lanevuj”. Achou que Lanevuj, além de parecer nome de guru indiano, ainda prestava homenagem ao seu próprio nome Juvenal; já que, simplesmente o havia escrito de trás para diante.

Seu maior problema, agora, era conseguir seguidores. Para tal iniciou campanha junto aos catadores de papéis e garrafas no depósito de lixo próximo.

Dizia aos catadores que, após entrarem para a Irmandade e tomarem conhecimento dos segredos e mistérios da ordem, poderiam transformar lixo em ouro. Apontava para a montanha de lixo e dizia: - Imaginem vocês, tudo isso transformado em pepitas de ouro!

A filiação foi maciça, em que pese os dez reais que cada um era obrigado a pagar mensalmente.

A Irmandade era dividida em graus, existindo um total de cem. Para ascender de grau, o irmão – pois era assim que todos passaram a se chamar após a filiação – deveria pagar vinte reais. Para cada grau existia uma palavra, um sinal e um toque de mão. Começando sempre pelo sinal, palavra e toque do grau mais baixo e fazendo sinais, dizendo palavras e dando toques de graus mais elevados em seguida, ao ter algum sinal, palavra ou toque não correspondido, ficar-se-ia sabendo qual o grau do irmão interlocutor.

Cada grau possuía um nome pomposo: Príncipe catador de papéis, Soberano das garrafas de cerveja, Mestre das caixas de papelão, Grande Monarca das Latas Vazias, etc.

Além dos sinais de reconhecimento havia também os de perigo, de socorro, de cólera, de espanto, de fome, de cansaço, de fastio, de flatulência (este tinha por objetivo manter o irmão afastado) e o de me empresta um Real que estou sem grana (este também mantinha os irmãos afastados, na maioria das vezes).

Tendo alguns neófitos sido treinados nos sinais, palavras e toques do primeiro grau, vários destes, louvando-se nas afirmações de Juvenal de que a Irmandade era milenar e possuía templos e adeptos em todos os países do mundo, foram para as ruas, convictos de que, ao fazerem tudo aquilo que sabiam, seriam reconhecidos e ajudados por membros, anônimos, daquela Irmandade universal a que pertenciam.

Um deles, justamente sem dinheiro para a condução, foi para a porta de um movimentado ‘Shopping Center’ procurar um irmão que lhe emprestasse algum. Começou por colocar, segundo havia aprendido com Juvenal, uma mão na orelha e outra no nariz, revirar os olhos e ficar falando as palavras código: ‘trajetória estelar’, seguidas vezes. Em breve viu-se cercado por vários seguranças do shopping. Chamada a polícia, foi conduzido para a delegacia mais próxima sob

suspeita de tentativa de assalto, já que, um dos fregueses, ao passar por ele, havia escutado este pedir-lhe o telefone celular. Desfeito o engano e tendo, antes, tomado algumas cacetadas dos seguranças, foi solto.

Outro adepto, encontrando-se na plataforma dos trens para a Baixada Fluminense, e sentindo-se mal, resolveu fazer o sinal de socorro. A plataforma estava cheia de trabalhadores que retornavam a suas casas, após um dia estafante de trabalho.

Ao piscar os olhos, seguidamente, e colocar as mãos na cintura viu aproximarem-se dois mulatos altos e fortes. Pensando estar entre irmãos, sorriu-lhes e disse: - Oi, queridos, estou que não me agüento!

Um dos mulatos, o mais forte, segurando-o pelo colarinho, disse com uma voz que parecia o ribombar de um trovão: - Olha aqui sua bichinha, nós não queremos nada com gay não. Se você esta que não se agüenta de vontade de arranjar homem, vai procurar em outro canto, boióla!

Dando-lhe a seguir um ligeiro safanão, deixaram-no de lado, pois a composição já parara na estação e estava prestes a partir.

Outro neófito, estando parado na porta de uma creche-escola onde vendia balas nas horas vagas, quis testar seus conhecimentos sobre o que havia aprendido com Juvenal. Assim é que para ver se algum irmão, anônimo, com ele se comunicava, colocou a língua para fora e, a intervalos

regulares, coçava as partes genitais, murmurando seguidamente: - Ai, que coisa boa!

Os pais que por ali passavam para deixar seus filhos na escola, vendo seu comportamento e julgando-o um pedófilo, reuniram-se e iniciaram um linchamento, só não consumado em razão da chegada da polícia.

Mais uma vez, desfeito o engano, foi solto para ir diretamente ao hospital, onde permaneceu internado por vários dias.

Em uma segunda-feira ensolarada Juvenal, ao retornar das férias em Itaboraí e dirigir-se à sede da Irmandade, fazia as contas de quanto arrecadaria naquele mês com as mudanças de grau. Ao chegar próximo ao lixão sentiu cheiro de queimado. Julgou tratar-se de fogo no lixo, o que era comum nos dias de sol forte.

Ao virar a esquina, porém, deparou-se com os escombros da sede da Irmandade de Lanevuj. O fogo havia consumido tudo, desde as cadeiras onde se sentavam os irmãos até o trono de espaldar alto onde, sentado, ensinava aos neófitos os mistérios da ordem.

Repentinamente, ouviu um grito ao longe: - Lá esta ele pessoal!

Olhando na direção daquela montanha de lixo, avistou uma turba que descia correndo, portando paus, enxadas, latas e garrafas.

Partiu correndo em direção à estação ferroviária, gritando as palavras e fazendo os gestos de socorro que havia inventado. Ao ser apanhado pela turba furiosa, ainda conseguiu exclamar, antes de cair desfalecido: - Calma, meus irmãos, era hoje que eu ia ensinar a vocês os segredos de como transformar lixo em ouro!

O AGENTE DUPLO

Durante anos havia sido treinado sobre todos os tipos de operações clandestinas. Era ‘expert’ em espionagem e contra-espionagem. Falava fluentemente várias línguas, inclusive o português e fora enviado ao nosso país, naquele ano de 2003 para coletar e remeter informações sobre os diversos setores da nossa vida (econômico, político, militar e psíquico).

Já estava por aqui há quase seis meses. Neste período havia procurado informar-se sobre tudo o que se relacionava com sua missão. Lia jornais e revistas, conversava com pessoas na rua e no prédio onde morava, assistia a filmes, via televisão, etc. Em algumas ocasiões, entrara furtivamente em repartições públicas executivas, legislativas e judiciárias, totalmente desertas, durante o horário do almoço e mesmo após este, em busca de algum informe confidencial esquecido sobre as mesas.

Quando julgou conhecer bem o país e sua gente, preparou o primeiro informe, codificado, para remeter à agência de inteligência que o havia contratado.

O informe que enviara codificado, traduzido para nossa língua, basicamente, era o seguinte:

Aspectos Econômicos

- . Vinte por cento do lucro dos bancos vêm das tarifas cobradas pelos serviços que oferecem aos seus clientes;
- . Os juros, cobrados pelas organizações financeiras, são da ordem de quinze por cento ao mês e de, até, quinhentos e quarenta por cento ao ano;
- . As filiais dos principais bancos internacionais, aqui instaladas, são as que obtêm os maiores lucros em todo o mundo;
- . A carga fiscal incidente sobre as pessoas físicas e jurídicas é a maior dentre todos os países, sendo que a totalidade dos impostos que tais pessoas pagam, anualmente, representam cerca de quatro meses de trabalho em suas atividades.
- . O crescimento da economia tem sido muito baixo durante vários anos, pois o governo privilegia o setor financeiro em detrimento do setor industrial;

Aspectos Políticos

- . É comum aos Presidentes da República afirmar que não sabiam que seus ministros desviavam recursos do governo para seu partido político;
- . Normalmente, setenta por cento dos parlamentares eleitos respondem a processos na justiça;
- . Os parlamentares ganham no total, de salários, auxílios e vantagens, cerca de duzentas vezes o salário mínimo;

. Políticos filmados escondendo dinheiro, recebido ilegalmente, nas cuecas e nas meias, declararam que assim o faziam por medo da violência nas ruas de nossas cidades.

Aspectos Militares

. Grande parte das armas e munições, utilizadas pelos criminosos, são obtidas através de furtos nos quartéis militares;

. As forças armadas têm funcionado, parte do ano, sob o regime de meio expediente em razão da falta de comida;

. Comissão técnica da Força Aérea escolheu aviões de caça de um determinado fabricante, para aquisição, visando sua modernização, e o Presidente da República elegeu aeronaves de outro fabricante, afirmando que quem entende desse assunto é ele.

Aspectos Psicosociais

. O número de reclusos fugitivos, das cadeias e penitenciárias, é maior do que o número de reclusos, efetivamente, presos;

. A polícia soluciona menos de cinco por cento de todos os crimes ocorridos no país;

. Os criminosos que são condenados a mais de trinta anos de prisão, na prática, em razão da progressividade da pena, cumprem cinco anos de prisão, ou menos, em regime fechado;

. Os menores de dezoito anos, condenados por crimes de morte, cumprem, no máximo, três anos em estabelecimento correcional.

Quando estes informes chegaram ao quartel general da agência de espionagem e foram decodificados, uma reunião de cúpula urgente foi logo marcada. Vários dirigentes e analistas de informações reuniram-se para avaliar o relatório.

Após horas de discussão, o Diretor Geral levantou-se e, traduzindo a opinião geral, declarou: - “Senhores este é mais um caso de agente nosso que se bandeia para o lado do inimigo. Sem dúvida já esta a soldo do Governo local, trabalhando como agente duplo e enviando informes falsos para nos confundir. Seu erro, todavia, foi primário, ao enviar informes tão inverossímeis que não seriam levados a sério nem mesmo por uma criança, totalmente, ignorante e desinformada. Este fato, praticamente, confirma sua condição de agente duplo. Vamos despachar um comando operacional para resgatá-lo, com ordem para que seja lançado com os pés e as mãos amarrados no meio do oceano, como fazemos sempre com aqueles que nos traem, passando para o lado do inimigo. Que isto sirva de exemplo futuro para todos os nossos agentes!”.

CANTIGAS DE NINAR E CANTIGAS DE RODA

Certa ocasião encontrava-me perdido em uma mata, na qual havia penetrado durante caminhada ecológica com um grupo de amigos admiradores da natureza e, todos, fugitivos do mesmo presídio.

Não achando mais meus companheiros de fuga, nem a saída da mata, resolvera acampar por ali mesmo e aguardar clarear o dia para procurar uma boa rota de evasão.

Já deitado, fui surpreendido por vozes distantes, que pensei serem de meus companheiros. Resolvi, então, caminhar na direção daqueles sons.

Chegando bem perto contemplei, sentados em volta de uma fogueira, um grupo de pessoas vestidas de preto e usando capuzes da mesma cor, onde apenas se viam os orifícios dos olhos.

Prestando atenção ao que um deles, de pé, falava aos demais, ouvi a seguinte conversa: - “Nossa organização, desde mais de uma centena de anos, vem se dedicando a malévola iniciativa de incutir o vício e o mau caráter em todas as crianças de nosso país. Sabemos que é de pequeno que se torce o pepino e, portanto, se queremos transformar nossa nação em uma

nação voltada inteiramente para mal, temos que começar a trabalhar a mente dos cidadãos desde a mais tenra idade.

Por isto, nossos poetas do mal e nossos músicos maléficos vêm desenvolvendo canções de ninar e canções de roda que, cantadas inocentemente pelas mães, babás, avós e pelas próprias crianças, incutem mensagens subliminares nas mentes infantis, de modo a que, quando estas crianças forem maiores, já tenham inserido em seus cérebros as sementes do mal.

A teoria por detrás desta técnica é a de que, repetidas inúmeras vezes, como um verdadeiro ‘mantra’, estas cantigas, veiculando conceitos, modos de proceder e juízos de valor, serão absorvidas pelo inconsciente e, mais tarde, o individuo adotara determinada maneira de encarar a vida, achando que aquilo vem de dentro de si, de sua própria natureza interna.

Com o progresso da ciência e o desenvolvimento das sociedades, temos, todavia, de nos adaptar aos tempos e aos costumes (Ó tempora! Ó mores!).

As canções envelhecem, as palavras caem em desuso, os ritmos e gostos musicais mudam com o transcorrer do tempo.

Portanto, nosso objetivo, aqui nesta noite e neste local isolado, é o de discutir quais serão as novas canções e os novos ritmos que lançaremos para as nossas crianças, durante os próximos dez anos, de modo a manter suas mentes infantis sob a nossa maléfica influência”.

Não agüentando mais ouvir o que aquele ser maligno dizia, sai dali, sorrateiramente, tentando em vão encontrar um caminho que me levasse ao encontro de alguém a quem pudesse denunciar tudo o que ouvira no interior da mata e torcer para que esta pessoa se dispusesse a conduzir as autoridades até o local onde se encontravam aqueles conspiradores.

Finalmente encontrei uma saída, porém, como ainda trajava o vistoso uniforme do presídio, resolvi dirigir-me direto para casa, aproveitando as brumas da noite, e cair logo na cama, pois estava exausto em razão das inúmeras emoções daquele dia.

Já em casa, no dia seguinte ao meditar sobre tudo aquilo que havia presenciado e que, até então, parecia fruto de um sonho alucinado, percebi que nossas canções de ninar e cantigas de roda - antigamente cantadas por pais e avós nas cabeceiras de nossas camas - muito mais do que simples passatempo para embalar crianças – possuíam, intrinsecamente, um caráter ideológico que eu denominaria, até mesmo, de maquiavélico; já que, seus idealizadores (identificados quase sempre como autores desconhecidos; porém, cuja existência como uma organização que conspirava para o mal eu agora conhecia) enviavam através delas, às desprotegidas mentes infantis, valores negativos por intermédio de mensagens subliminares de pessimismo, ignorância, incompetência, autoritarismo,

discriminação, vícios, etc. Para que não pensem que tudo o que disse é pura invenção e que padeço de demência-senil, estando no momento sob os efeitos de um grave surto psicótico ou de alguma substância química estupefaciente, mencionarei, apenas como exemplo, as seguintes canções que tive o cuidado de pesquisar, alertando aos caros leitores para as terríveis mensagens que transmitem:

Mensagem subliminar de incompetência e/ou apologia da violência

“Atirei o pau no gato to, mas o gato to não morreu, réu, réu,..”;

“A canoa virou, pois deixaram virar. Foi por causa do fulano que não soube remar...”;

“Eu fui ao Itororó beber água e não achei, achei bela morena que no Itororó deixei...”;

“Terezinha de Jesus, numa queda foi ao chão...”.

Mensagem subliminar de pessimismo

“Eu sou pobre, pobre, pobre de marré, marré, marré...”.

Mensagem subliminar de vanglória ou de orgulho

“Eu sou rico, rico, rico, de marré, marré, marré...”.

Mensagem subliminar de ignorância

“Palma, palma, palma, pé, pé, pé, palma, palma, palma, caranguejo peixe é.”

Mensagem subliminar de apologia ao desvio de conduta sexual

“Escravos de Jó, jogavam caxangá, tira, bota, deixa ficar. Guerreiros com guerreiros fazem zig, zig, zá.”

Mensagem subliminar de medo e/ou discriminação racial e/ou apologia a violência

“Boi, boi, boi, boi da cara preta, pega esse menino que tem medo de careta...”;

“Samba crioula que veio da Bahia, pega na criança e joga na bacia...”;

“Eu sou o lobo mau, lobo mau, lobo mau, eu pego as criancinhas pra fazer mingau...”;

“Nana neném que a cuca vem pegar...”.

Mensagem subliminar de discriminação social e/ou autoritarismo e/ou incompetência

“Marcha soldado, cabeça de papel, se não marchar direito vai preso pro quartel. O quartel pegou fogo, a polícia deu o sinal...”.

Mensagem subliminar de má fé e/ou ludibrio e/ou ambição desmedida

“O anel que tu me destes, era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco se acabou.”;

“Dizei, senhora viúva, com quem quereis se casar; se é com o filho do conde ou é com o seu general, general, general.”;

“Quem quer casar com a dona baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha.”

Mensagem subliminar de lassidão e/ou preguiça e/ou desconfiança e/ou medo

“Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar...”;

“Cai, cai, balão, cai, cai, balão, aqui na minha mão; não vou lá, não vou lá, não vou lá, tenho medo de apanhar.”

Mensagem subliminar de apologia à mentira e/ou discriminação social

“A barata diz que tem sete saias de filó; é mentira da barata, ela tem é uma só...”.

“A barata diz que só faz viagem de avião; é mentira da barata, ela vai é de ônibus...”.

Mensagem subliminar de incentivo à violência conjugal

“O cravo brigou com a rosa, debaixo de uma sacada, o cravo saiu ferido e a rosa despedaçada.”

Mensagem subliminar de discriminação religiosa e/ou preguiça e/ou desleixo e/ou ambição

“Mas uma feiticeira má, muito má, muito má, adormeceu a Rosa assim, bem assim. O mato cresceu ao redor, ao redor, ao redor. Um dia veio um belo rei, belo rei, belo rei, que despertou a Rosa assim, bem assim”.

Ainda tendo em mente o que ouvira no interior daquela mata e analisando o assunto pude contatar que, nos dias atuais, em razão da crescente urbanização e de suas principais mazelas - dentre as quais destaco a violência, a falta de espaço para o lazer e a necessidade de ambos os pais trabalharem fora - nossas crianças perderam o costume de brincar na rua, onde aprendiam as citadas cantigas de roda. Assim, no interior das casas ou nos colégios, através dos meios eletrônicos disponíveis (computadores, televisores, rádios, toca fitas, etc.) nossas crianças, sempre sozinhas, recebem os sucedâneos daquelas antigas canções, que são os modernos Rap's e Funk's, também estes com apelos contrários às virtudes; porém, adaptados aos novos tempos e as novas realidades, já não mais necessitam das mensagens subliminares de antigamente (atenuadas, antigamente, em razão da censura exercida pelos familiares sempre presentes), pois a liberdade de expressão, tão comum às democracias, chegou até nós para ficar.

Como aquelas antigas canções fizeram parte de nossa infância, nelas não percebemos nenhum mal, nenhum inconveniente e, pelo contrário, as julgamos até mesmo divertidas e instrutivas; da mesma forma como as crianças de hoje, criadas livres nas favelas, periferias ou mansões condominiais, também encaram os Rap's e os Funk's como simples canções sem nenhuma conotação perniciosa.

É evidente que as mensagens subliminares contidas naquelas antigas canções infantis, vistas com olhos de hoje, podem ser consideradas suaves, ingênuas, divertidas e infantis; face ao ataque direto proporcionado pelos Rap's e Funk's, que pregam abertamente a apologia ao crime, através da confrontação armada com os poderes constituídos, o consumo e o tráfico de drogas, a violência, os roubos, os assaltos, etc.

Embora tendo denunciado, posteriormente, através de carta anônima, às autoridades policiais competentes tudo aquilo que presenciei naquela terrível noite dentro da mata – e certamente não tendo sido levado á sério pelas mesmas –, estou cada vez mais convencido de que os Ministérios da Cultura e da Justiça, além do Ministério Público e da Promotoria, entidades diretamente responsáveis, continuam atentas, como sempre, visando à preservação de nossos valores culturais e morais. Se até o presente nenhuma medida, ou ação, foi tomada para coibir tais práticas é porque estas

autoridades, sem dúvida, esperam o momento oportuno para dar o bote e abocanhar toda a ‘corja de mal intencionados’, que elabora e divulga malignas canções de ninar e cantigas de roda, escondidos sob o simples pseudônimo de ‘autor desconhecido’...

O PRISIONEIRO

Certa feita, conversando com um amigo residente na favela onde eu morava, e desempregado como eu, ouvi da parte dele a história da sua tormentosa vida, que muito me emocionou, pois conheci intimamente o cenário onde ela transcorreu.

Tinha sido condenado a 20 anos de prisão por um crime que, segundo afirmava, não cometera. Viveu no presídio, em cela isolada, por quase 12 anos. Nos poucos momentos destinados ao banho de sol, misturava-se com outros detentos, em sua maioria desesperados por haverem perdido a liberdade; alguns, até mesmo, quase dementes.

Costumava dizer, a todos os companheiros de cárcere, que o Estado havia prendido apenas o seu corpo e que sua alma era e sempre seria livre.

No interior da cela onde ficava, logo que a porta da mesma era fechada, sua mente viajava por lugares distantes. Imaginava mil locais, acontecimentos e diálogos. Nunca estava só, tendo sempre por companhia, em sua imaginação, homens e mulheres agradáveis com os quais convivia, conversando e interagindo. Assim, passaram-se os dias, meses e anos.

Em uma noite quente de verão, foi acordado pelo carcereiro ordenando que se aprontasse para uma entrevista com o diretor.

Conduzido à presença deste, foi dito que haviam descoberto o verdadeiro culpado pelo crime que lhe atribuíram e, por conseguinte, estava sendo libertado naquela ocasião.

Abriram então os portões no dia seguinte e ele voltou para seu barraco. Como chegou cedo resolveu ir à praia do rio que cortava a sua cidade, na qual não pisava há mais de 12 anos.

Após passar a manhã e a tarde tomando sol e banho no rio, retornara para o barraco no morro ao anoitecer. Após jantar e ver um pouco de TV, recolheu-se para dormir.

A noite inteira sonhou com sua cela na prisão. Nos dias, meses e anos que se seguiram, dia e noite, não conseguia tirar de sua mente a velha cela, onde passara tantos anos como recluso.

Segundo me confessou com lágrimas nos olhos, o Estado ao soltar naquele dia o seu corpo havia, finalmente, prendido a sua alma...

OS ALIENÍGENAS ESTÃO CHEGANDO

Durante o período em que trabalhei como faxineiro em um hospital público, logo após uma de minhas várias fugas de centros de detenção provisória, onde permanecia até a data dos julgamentos, ouvi de um médico com quem fizera amizade uma estória simplesmente inacreditável.

Ele, segundo soube, até então um médico sério e respeitado dentro daquele hospital, a partir de determinada ocasião passou a faltar aos plantões, a não ter mais interesse pelos casos médicos e, sobretudo, a contar sempre uma mesma estória fantástica - já conhecida pelos funcionários daquele estabelecimento hospitalar, que o consideravam meio maluco - da qual só vim a tomar conhecimento naquele dia. Sua narrativa, que passarei a expor da forma como me recordo, era basicamente a seguinte:

Em um dia chuvoso estava de plantão na emergência daquele hospital, no qual trabalhava mais por caridade que por necessidade.

Era um cirurgião geral com certa prática, já tendo vários anos de formado.

A manhã tinha transcorrido normal, com casos de mordidas de cães, pernas e braços quebrados, cortes e machucados superficiais.

Na parte da tarde, quase ao findar seu plantão, deu entrada na emergência um indivíduo que havia sido recolhido na via pública, possivelmente após ter sido atropelado.

Ao auscultar-lhe o coração, não percebeu nenhum batimento, embora percebesse que o paciente estava vivo e se mexesse.

Procedeu a uma massagem cardíaca, respiração boca a boca e a aplicação de choque elétrico; porém, o coração não respondia a nenhum estímulo, embora o paciente continuasse vivo e se movimentando.

Resolveu, rapidamente, abrir-lhe o peito para, através de uma cirurgia exploratória, averiguar as reais condições de seus órgãos internos.

À medida que abria o peito de alto a baixo, notou que os órgãos do indivíduo eram totalmente diferentes daqueles dos seres humanos, que tão bem conhecia, e localizados em posições totalmente distintas.

Todo o seu interior era diferente, veias, nervos, tendões. O próprio coração, que era duplo, possuía forma quadrada e localizava-se próximo ao abdômen. Possuía apenas um pulmão, localizado ao lado, na posição do fígado.

A própria coloração dos órgãos era também diferente; alguns azuis e outros verdes.

Surpreendido, imaginou, inicialmente, tratar-se de um fato raríssimo na medicina, que poderia acarretar-lhe fama e fortuna se soubesse explorar com inteligência o caso, divulgando-o com fotos exclusivas em congressos e revistas científicas.

Poderia, ainda, tratar-se de um alienígena e, neste caso, seu nome passaria para a história como o primeiro ser humano a, comprovadamente, fazer contato com um extraterrestre.

Como seu plantão havia terminado, resolveu não dizer nada a ninguém, fechar o talho aberto e deixar o paciente internado aquela noite para, no dia seguinte (tendo, durante a noite, pensado com detalhes sobre como deveria proceder) tomar as medidas necessárias à divulgação do fato, tanto junto a imprensa, de um modo geral, quanto junto ao meio científico, de um modo particular.

A noite inteira não conseguiu pegar no sono, pensando nas implicações da descoberta e em como poderia tirar o melhor proveito de todo aquele acontecimento.

Pela manhã, já sabendo como deveria proceder, dirigiu-se ao hospital à procura do paciente. Não conseguindo localizá-lo de imediato, perguntou a um acadêmico de serviço naquela hora sobre o seu paradeiro.

Este, ainda sonolento, respondeu calmamente: - Acabou de levantar-se do leito e tomou o elevador no final do corredor.

Em desabalada carreira desceu os dois lances de escada até a portaria. Lá, perguntando ao segurança, soube que ele havia saído junto com dois outros indivíduos que pareciam seus irmãos gêmeos, tal a semelhança física e dos trajes que usavam.

Ainda percorreu, correndo, várias ruas das imediações; porém a sua fama e fortuna já havia desaparecido. Após haver retornado ao hospital, resolvera contar o ocorrido para alguns colegas de profissão. A partir daí passara a ser alvo de piadas e chacotas de todos.

Certo dia foi procurado por dois funcionários do consulado de uma grande potência estrangeira, envolvida na corrida espacial, que lhe ofereceram um contrato em dólares, vitalício e irrecusável.

Ao perguntar qual o trabalho que esperavam dele e em que local trabalharia, responderam: - É bastante simples, você trabalhará em sua própria casa o tempo todo, apenas, dormindo, lendo, bebendo e ficando de boca fechada...!

A REGRESSÃO HIPNÓTICA

Logo após haver sido contemplado com o benefício da liberdade condicional e deixar o presídio onde ficara por tanto tempo, arranjei um simples emprego de faxineiro em uma empresa de ‘telemarketing’, embora, como estelionatário que sempre fora, falasse várias línguas e entendesse bastante de direito, de finanças e de economia, conhecimentos básicos de todo aquele que deseja ter sucesso nesta profissão.

Após a primeira semana de trabalho, já conhecia todo mundo na empresa. Muitos me pediam para ir ao banco descontar cheques e sacar dinheiro com seus cartões de crédito. Embora a tentação que sofresse nestas ocasiões fosse muito intensa, resolvera esperar pelo menos alguns meses, antes de partir para alguma empreitada de maior vulto.

Pouco depois, fiquei conhecendo um escriturário que, durante o horário de almoço, contou-me uma estória bizarra ocorrida com seu antigo namorado, com quem estava brigado naquela ocasião, e de quem desejava vingar-se maculando seu passado. Afirmou que seu ex sempre acreditara na reencarnação do espírito e na vida após a morte.

Um dia, passando em frente a um prédio comercial, deparou-se com um anúncio dizendo: ‘Madame Margot – Terapia de Vidas Passadas – Regressões Hipnóticas – Sala 402’.

Como estava atrasado para um compromisso, tomou nota do endereço para procurá-la no dia seguinte.

No trabalho, mais tarde, comentou com os amigos que, no dia seguinte, faria uma regressão a vidas passadas para saber quem havia sido em outras existências.

No outro dia, bem cedo, procurou Madame Margot, dizendo-lhe que desejava uma regressão hipnótica para descobrir quem fora em passadas encarnações.

Madame Margot, magra e de pequena estatura, na casa dos sessenta anos, explicou-lhe que a sessão seria toda gravada para que ele, mais tarde, pudesse ouvir o que havia dito sob o efeito da hipnose.

Deitou-se, então, em um divã e adormeceu sob o domínio hipnótico de Madame Margot.

Ao acordar, horas depois, recebeu uma fita gravada pagou a consulta e foi-se embora.

Em casa, à noite, ao ouvir a fita, seu queixo caiu. Segundo suas próprias palavras havia sido um escravo romano, no tempo do Imperador Adriano que, sendo homossexual, para sustentar o amante havia furtado e assassinado os patrícios seus donos, amigos pessoais do imperador. Tendo sido logo descoberto fora preso e condenado ao suplício, antes de morrer queimado em uma fogueira.

Ficou totalmente desnorteado com aquilo que ouvira. Imediatamente pensou: - E se aquela fita caísse em mãos estranhas, que viessem saber do seu passado?

Rapidamente destruiu, a marteladas, a fita que acabara de ouvir. A seguir, murmurou em voz alta: - E se Madame Margot possuir uma cópia?

Ela, certamente, tinha ouvido de sua própria boca toda a história e saberia de tudo. Poderia, inclusive, espalhar para amigos e parentes e, em breve, todo o bairro saberia.

Resolveu que seria necessário eliminá-la fisicamente e procurar, em seu consultório, uma eventual cópia da fita para destruí-la.

Esperou o entardecer do dia seguinte e, quase na hora do consultório fechar, entrou e tocou a campainha. Quando Madame Margot atendeu, segurando-a pelo pescoço com as duas mãos, a esganou. Ao ver o corpo cair ao solo, já sem vida, procurou no interior do consultório a cópia da fita, que acabou por não encontrar.

Achando que não havia mesmo nenhuma cópia retirou-se, sorrateiramente, sem ser notado pelo porteiro da noite.

No dia seguinte, ao chegar ao trabalho, seus colegas perguntaram-lhe se havia feito a regressão e se sabia quem havia sido. Já preparado para aquela situação, na véspera consultara um velho livro de História Geral em cujas páginas,

abertas ao acaso, encontrara o nome de Ricardo Coração de Leão.

Quase com displicência, respondeu-lhes: - Fui Ricardo Coração de Leão.

Poucos meses depois, tendo já se esquecido do assunto, chegou à sua casa, entregue pelo correio, um pacote enviado da França e subscrito por certa Leonor de Aquitânia, contendo uma fita magnética. Como não estivesse em casa naquele momento, a fita foi recebida pelo seu companheiro, que abriu o pacote pensando tratar-se do presente de alguma rival. Ouvindo o que continha a fita, inteirou-se de toda a verdadeira estória.

Ele, ao chegar à casa, ver o pacote aberto, contemplar o nome do remetente e ler o bilhete que havia dentro - que dizia em francês, através de uma bela letra de mulher: - Do lugar de onde veio esta, existem muitas outras! - lembrou-se de que já vira aquele nome em algum lugar. Indo direto a sua biblioteca consultar o velho livro de História Geral, lá encontrou: Condessa de Poitiers - Leonor de Aquitânia, mãe de Ricardo Coração de Leão e de João Sem Terra, esposa de Luis VII e de Henrique II.

Imediatamente recordou-se de haver visto no consultório de madame Margot um quadro de Leonor de Aquitânia e que, na ocasião, ao questionar Margot sobre a veracidade do

fenômeno da regressão, esta teria respondido: - Claro que é verdade, eu mesma já fui a Condessa de Poitiers em uma de minhas vidas passadas!

A INVASÃO IMAGINÁRIA

Encontrava-me, durante a juventude, servindo em um quartel onde pude presenciar um fato inusitado, antes que, por infelicidade, desagradáveis acontecimentos futuros forçassem minha saída daquela Organização Militar para um estabelecimento penal.

O quartel onde servia estava localizado em uma área cercada por diversas favelas. A principal localizada no morro ao fundo do campo de futebol era a mais perigosa, pois, ali, existia uma boca de fumo situada em um barraco que fazia fronteira com o terreno da unidade militar.

Naquele dia de calor intenso, o expediente havia transcorrido normalmente, sem alteração.

À noite por volta das duas horas da madrugada, conforme sindicância posterior pode apurar a sentinela que tirava serviço junto ao campo de futebol, ao ser rendida pelo companheiro que a substituiria teria dito a este haver visto um vulto suspeito, vestido de preto, esquivando-se furtivamente pelo meio campo.

Pedi ao colega que o substituía para chamar o oficial de dia, que naquela ocasião se encontrava na enfermaria, localizada

em área erma, próxima ao campo de futebol onde também havia um posto de sentinela, tendo este, imediatamente, atendido ao pedido do colega.

A sentinela da enfermaria, por sua vez, nervosa ao ver chegar um indivíduo armado, vindo de local escuro sem se identificar, engatilhou rápido, porém de maneira atabalhoada, o fuzil que portava, vindo a efetuar um disparo acidental para o alto.

A outra sentinela, que havia ficado no campo de futebol, ao ouvir o disparo, tendo imediata certeza de que o quartel estava sendo invadido pelos traficantes da boca de fumo interessados em tomar as armas e munições ali existentes, começou por disparar também seu fuzil automático em direção aos fundos do campo de futebol.

Toda a guarda de serviço no quartel naquele dia (cerca de 20 a 30 homens), ao ouvir aquela profusão de disparos, correu, imediatamente, para o local de onde provinham os estampidos. Como havia uma pedreira à direita, no final do campo, esta produzia ecos dos disparos efetuados pela sentinela.

A guarda que chegava esbaforida, julgando que os ecos ouvidos fossem disparos que estavam sendo efetuados pelos invasores, iniciou uma intensa fuzilaria em direção à pedreira, de onde continuavam a chegar, em profusão, os ecos

originados de seus próprios disparos, ocasionando, por sua vez, novos disparos por parte da guarda.

A esta altura dos acontecimentos, o Comandante, o Sub-Comandante e os demais oficiais e sargentos da Unidade já haviam sido convocados por telefone, em suas casas, para que retornassem rapidamente ao quartel que estava sendo invadido.

Do lado de fora, uma pequena multidão de moradores das vizinhanças, acordados pelos disparos na madrugada, aguardava, apreensiva, o desenrolar dos acontecimentos.

O Comandante, a certa altura, ordenou a suspensão do fogo. Todos, então, pararam de atirar. Os ecos, por sua vez, também silenciaram.

O Sub-Comandante, que estava próximo, comentou: - Acho que a munição deles acabou, pois pararam de atirar!

Um sargento, antigo e experiente, acrescentou: - Acho é que estão todos mortos ou feridos!

O Comandante disse a seguir: - Vamos atirar algumas granadas e esperar o amanhecer para recolher os corpos dos invasores mortos e feridos!

Foram, então, lançadas várias granadas na direção da pedreira, sendo respondidas pelos seus ecos e levando o Comandante a declarar: - Eles estão muito bem armados, pois também possuem granadas, que estão atirando contra nós.

Vamos manter o fogo e pela manhã faremos um combate aproximado com o uso de baionetas!

Ao clarear do dia, foram designadas patrulhas para iniciarem a tomada do morro e da pedreira.

À medida que os homens avançavam, procurando corpos de mortos ou feridos, armas e munições porventura abandonadas pelo terreno, nada encontraram.

Ao chegarem ao topo avisaram ao Comandante, pelo rádio, que nada haviam encontrado.

Este, virando-se para o Sub-Comandante, comentou: - Puxa, a logística deles é quase tão boa quanto a nossa. Conseguiram, sem a ajuda de helicópteros, evacuar, rapidamente, os mortos e feridos e recuperar as armas e munições abandonadas. Não deixaram nem uma cápsula vazia no chão. Devem estar sendo treinados ou comandados por ex-militares ou até por mercenários estrangeiros. Vamos dobrar a guarda e retornar aos alojamentos. Farei um elogio individual a todos os que participaram dos combates e solicitarei medalhas para os oficiais e sargentos!

ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE

Há muitos anos atrás, em um de meus vários empregos como servente ou faxineiro, tive a infelicidade de trabalhar em uma corretora de ações, de títulos e de valores onde, além de perder quase todo o salário que ganhava aplicando meu dinheiro no mercado de ações e nos fundos de renda fixa e variável administrados pela empresa, participei involuntariamente de um assassinato, promovido, ainda que indiretamente, por mim e pelos meus colegas de trabalho.

A vítima, Themistocles, trabalhava naquela empresa como escriturário há quase 15 anos. Era solteiro, tímido e calado. Tinha poucos (ou nenhum) amigos, dentro e fora do trabalho.

Com o advento da informática, passava a maior parte do tempo na frente do computador fazendo suas tarefas.

Foi ali que durante o expediente, entrando às escondidas em um site de relacionamentos, conheceu Vera Lúcia.

Por vários meses, sempre em horas determinadas, comunicavam-se trocando confidências. Naqueles momentos esquecia do ambiente de trabalho e, dando asas à imaginação, via-se ao lado de Vera Lúcia, de mãos dadas, trocando carícias em um enorme jardim florido.

Em certa ocasião, totalmente apaixonado e querendo conhecê-la pessoalmente com intenções matrimoniais, combinou de almoçarem em um restaurante, na cobertura de um dos hotéis mais caros da cidade. Escolheu o local pretendendo impressioná-la, já que seus sentimentos e intenções eram sérios.

No dia combinado, reservou por telefone uma mesa bem localizada, comprou um buquê de flores vermelhas e, trajando o seu melhor terno, procurou chegar mais cedo ao restaurante para vê-la entrar, deslumbrante.

O que ele não sabia, porém, é que a turma do departamento onde trabalhava na corretora – turma esta da qual eu fazia parte, naquela ocasião, e era um dos que mais inventivos - ao vê-lo, todos os dias, tão solitário e com cara de poucos amigos resolvera, por gozação, criar na Internet a figura fictícia da Vera Lúcia, que mantinha com ele aqueles contatos diários durante o expediente.

Enquanto ele, isolado em seu computador, escrevia palavras de amor na tela, na sala ao lado o pessoal da seção – comigo junto, fornecendo assunto para a conversação - divertia-se em outro computador representando o papel de Vera Lúcia.

Sabendo, assim, qual o dia do encontro por ele marcado, seus companheiros de trabalho ocuparam uma mesa no mesmo

restaurante, em local distante e reservado, de onde pudessem vê-lo sem serem vistos.

Foi assim que o viram entrar com as flores nas mãos, dirigir-se à mesa e solicitar uma garrafa da mais cara champanhe francesa, aguardando a chegada de Vera Lúcia.

O tempo ia passando e, na hora marcada, nada de Vera Lúcia chegar. Ele esperou mais 40 minutos e nada. Formulava mil razões para ela não ter, até então, aparecido: O táxi havia enguiçado? Fora atropelada? Vítima de uma bala perdida?

Enquanto isso, a turma do escritório já havia almoçado e estava no cafezinho. Paga a conta, levantamos todos e aproximamo-nos de sua mesa. Chegamos rindo e exclamando: - Vera Lúcia somos nós, seu otário!

Ele não disse nada, porém, abaixou a cabeça e começou a chorar, enquanto todos nós saíamos rindo, alegres.

Poucos minutos depois, levantou-se, pagou a champanhe e dirigiu-se para a varanda do restaurante, que ficava na cobertura do prédio.

Contemplou a rua lá embaixo por alguns instantes e, tomando um forte impulso, pulou no vazio.

A CONSPIRAÇÃO VIRTUAL

Em um belo dia de sol sai de casa atrasado, correndo, sem haver até mesmo tomado o café da manhã. Naquele dia tinha mil coisas a fazer: passar na Secretaria da Receita Federal, no Banco, no Plano de Saúde e no Departamento de Trânsito.

O primeiro problema começou logo no banco, ao digitar o número de minha conta para solicitar um extrato. Na tela apareceu a mensagem: “conta inexistente”. Procurei o funcionário encarregado que respondeu: - O sistema pode estar fora do ar, tente mais tarde!

Saindo dali dirigi-me ao prédio da Receita Federal, onde perguntaria sobre o 86º lote de restituição do meu Imposto de renda, referente ao ano anterior. Queria saber se a minha devolução, finalmente, havia saído; pois estava cheio de dívidas.

Ao consultarem meu número do Cadastro de Pessoas Físicas - CPF informaram: - CPF inexistente. O senhor se re-cadastrou no ano passado?

Sai dali, ao mesmo tempo, com raiva e com receio. Pensava, comigo mesmo, cheio de dúvidas: - Estaria sendo vítima de uma perseguição, com atos de represália por parte das

autoridades governamentais, em razão de minhas posições políticas, demonstradas durante as reuniões noturnas no sindicato dos faxineiros? Estaria na lista negra da Polícia Federal, cujos integrantes viam em mim o chefe do esquema de distribuição de drogas de algum cartel do crime e pretendiam impedir-me de utilizar o Sistema Financeiro de nosso país para uma, suposta, lavagem de dinheiro? Espiões estrangeiros teriam confundido meu nome com o de algum agente duplo, homônimo, e queriam eliminar-me sem deixar nenhum rastro da minha passagem por esta vida?

Enquanto caminhava, receoso, pensando na possível motivação por trás daquele terrível complô que estava solertemente sendo urdido por forças desconhecidas sobre a minha pobre pessoa, cheguei ao edifício sede do Plano de Saúde, onde fora para apanhar a autorização da cirurgia de fimose do meu filho pequeno. Lá chegando, ao indagar sobre ela soube pelo funcionário que, infelizmente, não havia dado entrada nenhum pedido com aquele nome. Minha matrícula, também, não conferia.

Indignado dirigi-me ao edifício do Departamento de trânsito pensando, no caminho, cancelar seu plano de saúde e mudar-me do país, para tentar escapar aos tentáculos desta misteriosa organização maléfica que se abatia sobre mim. Lá chegando, pretendia pagar multa cuja notificação havia recebido duas semanas atrás. Ao consultar o terminal pelo

número do Registro Nacional de Veículos Automotores - Renavam aparecia na tela: 'Renavam Inexistente'. Consultando pelo Cadastro de Pessoas Físicas - CPF, a mesma mensagem: 'CPF Inexistente'. Pelo número da Carteira Nacional de Habilitação - CNH, sempre a mesma coisa: 'CNH Inexistente'. Ao questionar o funcionário sobre o que ocorria, este respondeu: - O Sistema deve ter caído!

Desanimado, retornei à tardinha para casa. Pensava durante caminho: - Perdi o dia todo, não consegui resolver nada e, ainda por cima, estou sendo alvo da perseguição de uma organização cujos objetivos, a meu respeito, desconheço.

Chegando à casa toquei a campainha, pois havia esquecido a chave. Minha esposa, ao abrir a porta e deparar comigo, perguntou: - Pois não, o que o senhor deseja?

ASSASSINATO POR ENCOMENDA

A estória que ouvi em uma noite chuvosa, contada por um carcereiro de um dos inúmeros estabelecimentos correcionais que freqüentei, em minha longa carreira delituosa, a respeito de seu filho, é bastante bizarra e merece ser divulgada como um alerta a todos aqueles que costumam fazer inimigos por onde quer que passem.

Segundo afirmou meu guardião, seu filho mais velho era inteiramente covarde, desde pequeno. Nunca havia enfrentado uma situação difícil de frente, pois sempre tivera medo.

No colégio era desafiado por todos e não respondia ao desafio, sempre abaixando a cabeça e, por vezes, até se humilhando.

Certo dia, ao assistir com seu tio a uma partida de pôquer nos fundos de um bar da favela onde vivia, observou que o jogador mais fraco, apostando com apenas um par de setes, ganhara de todos os jogadores mais fortes, com trinca, flash e seqüência, que correram da partida, receosos do jogo que aquele oponente escondia.

O tio explicou-lhe, na ocasião, que o jogador do par de setes havia blefado e, por isso, ganhara dos outros jogadores que tinham jogos mais altos.

Como era inteligente resolveu, a partir daquele dia, usar a técnica do blefe que vira dar certo naquela partida, possibilitando ao mais fraco ganhar do mais forte.

Tendo seu pai se mudado para outro bairro, mais próximo do presídio onde trabalhava como carcereiro, ao estabelecer amizades com novos rapazes e moças da sua idade, começou a apresentar-se como matador profissional dizendo que, do local de onde viera por dinheiro já havia eliminado muitas pessoas.

Com este blefe, imaginava ser temido por todos e não mais ser desafiado e humilhado pelos companheiros.

Quando lhe perguntavam maiores detalhes, mantinha-se evasivo, dizendo apenas que, após o serviço, desovava os corpos em locais distantes e pouco conhecidos.

Assim, tendo adquirido fama de valentão e sendo respeitado agora por todos, desfrutava de calma e tranqüilidade na favela daquele bairro.

Em casa, certo dia, após o almoço, ouvindo o telefone celular tocar, julgou tratar-se de algum amigo querendo marcar algum programa para aquele fim de tarde.

Atendeu displicentemente e espantou-se com a voz que do outro lado dizia: - Tenho um serviço para você. Quero contratá-lo para eliminar um inimigo. Pago o que pedir.

Encontre-me às vinte horas embaixo da ponte da rodovia. Não falte!

Embora temeroso, como sempre, a curiosidade o impeliu a comparecer ao encontro.

Tratava-se de um empresário de sucesso na cidade que, tendo sido traído pela mulher com o sócio, resolvera eliminá-lo.

Ofereceu a ele, de início, cem mil reais; logo aumentando para duzentos mil após sua demora em responder.

O empresário já tinha tudo planejado faltando-lhe, apenas, o executor para apertar o gatilho na hora certa.

Conquanto continuasse covarde, por necessitar urgentemente de dinheiro, já que não trabalhava e tinha acumulado inúmeras dívidas, resolveu aceitar o serviço, principalmente em razão do adiantamento de cinquenta mil reais que o empresário lhe oferecia ali na hora.

Com base no planejamento que o contratante havia fornecido, foi relativamente fácil desincumbir-se do serviço sem deixar pistas.

Após aquele telefonema outros se seguiram, em razão das ótimas referências dadas pelo empresário para amigos.

Atualmente é sócio majoritário de uma empresa dedicada à eliminação de pessoas, com sede nas Bahamas.

Atende à pedidos de homens de negócio de várias partes do mundo. Para contratar seus serviços basta, apenas, ligar para determinado número de telefone, fornecer os dados da vítima, sua foto e endereço e depositar certa quantia, como adiantamento, em uma conta corrente de estabelecimento bancário situado em um discreto paraíso fiscal.

Em, no máximo, trinta dias o cliente poderá comprovar a eficácia do serviço, folheando as páginas criminais dos principais jornais da cidade.

Reside, atualmente, em uma mansão na Califórnia, ao lado de astros e atrizes famosos, tendo até feito uma ponta em um filme de Hollywood.

Nunca mais voltou ao bairro onde seu pai ainda reside. Vez por outra, no Natal, manda para ele uma cesta com produtos natalinos...

O CRIADOR DE CASOS

Durante minha curta estada em uma colônia penal, no interior do Estado, onde era o responsável pela criação de abelhas e de animais de pequeno porte, tive um ajudante que também cumpria pena por lesão corporal grave e que acabou por segredar-me sua infeliz história, em razão da qual havia sido encarcerado.

Em uma sexta-feira do mês de agosto, conforme afirmou naquela ocasião, finalmente, decidira-se: nunca mais discutiria sobre futebol, política, religião ou carnaval.

Por diversas vezes, na casa de amigos, no trabalho ou no clube, vira-se envolvido em discussões acaloradas nas quais, em todas as vezes que conseguira fazer seu ponto de vista prevalecer, perdera todos os amigos que tinham um ponto de vista contrário.

Decidido a manter os poucos amigos que ainda restavam, tomara aquela drástica decisão. A partir de então, só conversaria sobre moscas, especificamente sobre as ‘moscas drosófilas’, pois nunca vira ninguém falando sobre moscas a ponto de iniciar uma discussão.

Há pouco comunicara à mulher sua decisão e esta, feliz por não ter mais que interceder para acalmar os ânimos ou

apartar brigas, informou-lhe que naquele dia à noite teriam de ir ao aniversário de um colega de colégio do filho pequeno.

Por volta das dezenove horas chegaram ao salão de festas do edifício, que já se encontrava cheio de pais e mães de colegas do aniversariante.

Buscaram uma mesa onde já havia dois casais sentados, sentaram-se e, enquanto a mulher saía para entregar o presente, ele ficou ouvindo as conversas.

Falavam de futebol, novelas, política e outras futilidades. Ele, até então, mantinha-se calado, apenas ouvindo.

Após cantarem os parabéns, comendo uma fatia de bolo perguntou ao cidadão que estava à sua frente: - O amigo se interessa por moscas drosófilas?

O indivíduo olhou-o firmemente nos olhos e perguntou, sério: - De qual você está falando, das selvagens ou das mutantes?

Ele, apanhado de surpresa, respondeu: – Das mutantes é claro!

O cidadão, falando com conhecimento, respondeu secamente: - Não, não gosto das mutantes. Prefiro as selvagens, pois as mutações têm efeito prejudicial nas drosófilas!

Tomado, então, por súbita cólera, meu amigo de cárcere respondera de modo rude: - Já vi que você não entende nada desse assunto. As mutações são é benéficas para as drosófilas!

A partir deste ponto, segundo me afirmou, não se lembrava de mais nada. Lembrava-se, apenas, de haver chegado à casa por volta das duas horas da manhã do dia seguinte, vindo direto da delegacia do bairro onde estivera, até então, prestando depoimento em uma acusação de agressão com lesão corporal grave, já que havia dado uma garrafada na cabeça do pai do colega de colégio do filho, que acabou deixando-o em coma, com traumatismo craniano, por quase trinta dias.

Julgado, havia sido condenado a alguns anos de reclusão em colônia penal.

Após ouvir seu relato, dirigi-me para o local das caixas onde ficavam as colméias de abelhas africanas, das quais eu cuidava com bastante carinho. Estava tão absorto em meu trabalho que não percebi sua presença, ao meu lado, segurando uma foice com o qual cortava o alto capim existente naquele local. Após observar-me por alguns minutos, perguntou: - O amigo gosta das abelhas africanas?

Escutando aquelas palavras a mim dirigidas e olhando para aqueles seus dois olhos vermelhos, que reviravam nas órbitas, larguei rapidamente o que estava fazendo e sai em enorme disparada para a sede da colônia penal, disposto a nunca mais vê-lo por perto.

O EFEITO ESPECIAL

Após minha primeira liberdade condicional, fui residir em uma favela próxima ao presídio onde cumprira pena. Como os processos a que respondia, ainda em julgamento no Ministério Público, eram inúmeros, achei por bem ir morar perto do presídio, pois, no caso de ser condenado novamente poderia ir andando para trás das grades, sem a necessidade de tomar duas ou mais conduções, como fizera da última vez.

Naquela favela, tive um caso com dona Nazaré, responsável pela creche da comunidade. Após terminarmos aquele romance, ela, em certa ocasião, procurou-me para solicitar que fosse com ela ao Instituto Médico Legal, reconhecer o que restara do corpo do marido. Durante o trajeto, contou-me, chorando, o que havia acontecido.

Um cineasta bastante famoso, que já havia feito vários filmes no país e no exterior, havia contratado Gumercindo, seu marido, para um serviço.

O cineasta era conhecido por suas películas conterem inúmeros efeitos especiais: acidentes, quedas, explosões, incêndios etc.

A única filha, do oitavo casamento, ia se casar naquele mês, na mansão que possuía na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro.

Ele, querendo marcar a ocasião por um efeito especial espetacular, como os que costumava apresentar em seus filmes, pensou em contratar um homem bomba para explodir a si mesmo em um cantinho afastado do jardim, sob os olhares impressionados dos quase 500 convidados, muitos deles estrangeiros.

Procurou pela Internet e não encontrou nenhum se oferecendo. Foi à Palestina, ao Iraque, ao Afeganistão; percorreu ruas e mesquitas e não conseguiu contratar ninguém.

Voltando ao Brasil, desanimado, pensava em criar outro efeito especial quando, olhando nos classificados de um jornal local, deparou com o anúncio de um nordestino (Gumercindo) que vendia um rim, um pulmão, as duas córneas, parte do fígado, um braço, uma mão, um pé e uma orelha.

O cineasta imaginou que, se o sujeito queria se desfazer de todas essas partes, nada melhor que explodir uma bomba junto ao peito. Imediatamente ligou para o indivíduo e marcou hora e local para conversarem.

Gumercindo explicou que estava endividado e, com o dinheiro arrecadado, pagaria as dívidas e mandaria dona Nazaré e os doze filhos de volta para o Nordeste. Como sempre, exigira o dinheiro, em notas de cem dólares, adiantado. Acertada a negociação, o próprio Gumercindo ficara encarregado de preparar a bomba e colocá-la ao peito.

No dia do casamento, após a cerimônia, com os convidados espalhados pelo jardim, foi anunciado o evento.

Gumercindo chegou todo vestido com uma túnica branca e capuz, sendo apresentado como um membro de conhecida organização terrorista internacional.

Dirigiu-se para o canto preparado do jardim e, embora tentasse por diversas vezes, não conseguiu fazer a bomba, presa ao peito, explodir; deixando os convidados e os noivos desolados.

Terminada a festa e tendo os convidados se retirado, o cineasta, a esposa, a filha e o genro achavam-se na sala da mansão, tomando uma taça de champanhe e conversando sobre o local da lua de mel, quando a campainha tocou. Ao atendê-la o cineasta deparou com Gumercindo que, alegando não ter podido cumprir o combinado, havia vindo devolver o dinheiro recebido antecipadamente.

Ao entrar na sala e mexer nos bolsos para retirar o dinheiro, o artefato, finalmente, explodira.

Dona Nazaré, quando nos aproximamos do prédio do IML, confessou baixinho que ainda tinha esperanças de encontrar algumas notas de cem dólares presas no que havia sobrado do corpo e das roupas de Gumercindo.

O FANTASMA DA ÓPERA

Sempre fui grande admirador dos espetáculos teatrais. Após haver sido submetido a centenas de horas de interrogatório, considerava-me quase um ator, tantos foram os papéis que havia representado para delegados e inspetores de polícia que tentavam, em vão, extrair confissões de meus lábios.

Nos poucos períodos que desfrutava de liberdade, costumava freqüentar os teatros da cidade, visando absorver uma ou outra técnica de representação que pudesse, eventualmente, ser-me útil no futuro.

Em certa ocasião travei amizade com um dramaturgo que me relatou estranho caso ocorrido durante a apresentação de uma peça, na qual exercera aquela função.

Naquela peça, o papel principal era desempenhado por um ator com muita prática no teatro. Iniciara-se há muitos anos atrás no teatro de comédia, onde sempre fizera grande sucesso.

Julgando, todavia, que tinha potencial para o drama, agora só aceitava papéis dramáticos.

A peça que encenavam em sua primeira semana, naquele teatro no centro da cidade, era um drama épico no qual o herói - papel que o protagonista do caso interpretava - suicidava-se no final, ao ver a amada morta, apunhalando-se no peito.

Entretanto, embora bom ator, não conseguia desvencilhar-se de um sorrisinho alegre que, por mais que evitasse, sempre o acompanhava nos momentos mais dramáticos.

Assim é que, durante a peça, ao lhe comunicarem que a polícia vinha prendê-lo, sorria. Ao responder à amada que por ela morreria, estava sorrindo. Ao informarem-lhe que seus pais haviam sido aprisionados e estavam sendo torturados na masmorra do castelo do vilão, sorria. Ao saber que seu filho morreria em consequência de uma queda do cavalo, sorria.

O público, ao final do espetáculo, demonstrava todo o seu desagrado não aplaudindo ou, até mesmo, vaiando quando ele aparecia para as despedidas e agradecimentos.

Meu amigo dramaturgo, naquele dia, conforme relatou, chamou-o em particular e disse que se ao final do espetáculo o público inteiro não estivesse com lágrimas nos olhos, ele seria despedido e substituído por outro ator.

O que meu amigo dramaturgo não percebera na ocasião é que o teatro tinha sempre feito parte da vida daquele ator. Ele não admitia ver-se afastado da peça e substituído por outro ator, em razão de algo que não conseguia controlar.

Naquela noite, aproximando-se a hora do ato final, onde deveria sacar o punhal de brinquedo e golpear o peito, a platéia viu-o retirar do bolso uma granada de gás

lacrimogêneo, que havia retirado das coisas de seu irmão - policial militar com quem morava na mesma casa - e, soltando o pino de segurança, detoná-la junto ao peito, vindo a falecer em seguida pelo efeito da explosão e dos estilhaços de metal.

Em questão de segundos, toda a platéia chorava.

Dizem que, ainda hoje, quando são encenados dramas naquele teatro, nos momentos mais dramáticos ouve-se, vindo não se sabe de onde, uma sonora gargalhada. Quando são comédias que se encenam no local, nos momentos mais hilariantes a mesma voz prorrompe em um convulsivo e prolongado choro...

A APARIÇÃO DAS DEZOITO HORAS

Esta estranha estória ocorreu no início da década de 1950 e tomei conhecimento dela através de um companheiro de cela, colega de turma do personagem principal e também bacharel em Direito como ele.

Corria o ano de 1953. O país, ainda atrasado econômica e culturalmente, ensaiava os primeiros passos no sentido da superação dos obstáculos ao seu desenvolvimento.

Ele, com a idade de vinte e poucos anos, concluía o curso de Direito na capital e procurava emprego, tão difícil naquela época quanto agora.

Naquela ocasião, começavam a proliferar cursos de Direito no interior do Estado, cada cidade querendo ter sua própria faculdade.

Através do meu companheiro de cela, ficou sabendo de uma vaga para professor na Faculdade de Direito de uma pequena cidade bem afastada da capital.

Na falta de qualquer outra oportunidade, para lá se dirigiu. Após uma entrevista rápida com o diretor nomeado, soube que estava sendo criada, naquele ano, a Faculdade de Direito e necessitavam de um professor para a nova cadeira de

Contabilidade, que havia recentemente entrado no currículo das Faculdades de Direito.

De Contabilidade ele nada sabia, pois na faculdade em que se formara não havia, até então, aquela matéria; porém, imaginou que, assim como ele, os alunos também nada saberiam.

Achava que com um pouco de retórica, de sofística e da hermenêutica jurídica, que havia aprendido na capital, conseguiria enrolar aqueles caipiras.

No dia programado para sua primeira aula acordou cedo no hotel, barbeou-se e colocou sua melhor roupa para causar boa impressão aos alunos.

Chegando à sala, havia cerca de 30 alunos, além do diretor, esperando por ele.

Alguns daqueles alunos, entretanto, já possuíam noções da matéria; por haverem cursado o técnico de Contabilidade em cidade vizinha e alguns até trabalhavam em escritórios locais de Contabilidade.

Após apresentar-se aos alunos e tecer vários comentários sobre o clima quente da região, a perspectiva de chuvas próximas e a arquitetura colonial da igreja matriz, perguntou à platéia se alguém queria fazer alguma pergunta, antes de encerrar a aula.

Vários alunos levantaram-se e, alternadamente, perguntaram: - Professor, o que é Ativo Fixo? O que é Capital Circulante? O que é Patrimônio Líquido? O que é Capital de Giro? O que é Passivo a Descoberto?

Apanhado de surpresa ficou, durante alguns momentos, com a cabeça baixa procurando, pelo canto dos olhos, uma maneira rápida de escapular daquele ambiente. Pensou em atirar-se pelo vão da janela entreaberta; porém, em seguida lembrou-se de que estava no quarto andar do prédio.

Ele nunca ouvira falar naquelas palavras e não tinha a menor noção do que significavam. Subitamente veio-lhe à mente que, se lhe perguntavam, era porque também não sabiam.

Pensou rápido e, fazendo uso de toda a malandragem aprendida ao longo de seus vinte e poucos anos vividos na capital, respondeu calmamente: - Imaginem vocês, meus caros alunos, uma empresa que se dedique à exploração de estradas de ferro e que transporte em seus vagões gasolina, álcool, diesel ou qualquer outro produto líquido. Os trilhos da estrada constituem o Ativo Fixo da empresa. O comboio, formado pela máquina e por todos os vagões, forma o Capital Circulante. A carga dos vagões consiste no Patrimônio Líquido e as rodas da locomotiva no Capital de Giro. Passivo a Descoberto é quando encontram o maquinista da composição, que ninguém na empresa supunha gay, em

atitude indecorosa junto com seu ajudante no interior da cabine da locomotiva!

Parou de falar e, em seguida, encarou a platéia de frente para ver o efeito de suas palavras. Estava plenamente convencido do bom senso e da veracidade daquela sua explicação, julgando-a, até mesmo, digna de figurar nos compêndios da matéria.

Os alunos, entreolhando-se, levantaram todos ao mesmo tempo, prorromperam em estrepitosa vaia e retiraram-se ruidosamente da sala.

No final da tarde daquele dia encontraram-no na estação ferroviária esperando o trem das dezoito horas.

De pé na plataforma, ao ver a locomotiva se aproximar, atirou-se nos trilhos quando esta passou por ele, tendo morte instantânea.

Pouco tempo depois alguns alunos afirmaram tê-lo visto de pé na mesma plataforma, diariamente e por vários meses seguidos ao entardecer, esperando para embarcar no Capital Circulante das dezoito horas...

BENIGNO VERSUS MALIGNO

Meu vizinho, naquele conjunto residencial do subúrbio onde fiquei escondido por algum tempo, durante uma de minhas muitas fugas, chamava-se José Carlos Benigno e tinha perto de 40 anos de idade.

Segundo me contou, enquanto tomávamos uísque e comíamos umas lingüiças fritas por sua esposa, dona Totinha, um dia pela manhã, ao tomar banho e ensaboar-se, sentiu um pequeno caroço sob a pele do pescoço.

Como tinha horror a médicos e doenças não comunicou o achado à mulher nem aos filhos.

Com o passar dos dias além de doer e incomodar, o caroço havia aumentado de tamanho passando a se tornar visível.

A esposa, ao perceber o caroço durante o almoço, sugeriu-lhe a ida ao médico, o que fez poucos dias depois.

Examinando o caroço o médico solicitou exames complementares, antes de poder formar um diagnóstico. Particularmente, julgava ser um simples quisto de origem sebácea.

José Carlos, finalmente, marcou os exames.

No dia aprazado chegou cedo à clínica entrando na fila, que naquela altura já estava bem grande. Com o avanço das horas

chegou sua vez e uma enfermeira gritou da porta: - Sr. José Carlos Benigno!

Levantando-se e caminhando em direção à enfermeira, adentrou a sala de exames.

Finalizada a coleta de material (exame de sangue e biópsia), a enfermeira pediu que aguardasse na sala ao lado a divulgação do resultado.

Lá retornando constatou que a fila já havia duplicado e, agora, já não havia mais lugares para sentar, tendo de permanecer em pé por quase quarenta minutos.

Subitamente, quando já não se agüentava mais de cansado, abriu-se a porta da sala e uma enfermeira chamou: - Sr. José Carlos Maligno!

Como nenhum dos presentes se manifestasse ao ouvir aquele nome sendo chamado ele, timidamente, perguntou: - Senhorita, não será José Carlos Benigno?

A enfermeira, prontamente, respondeu em voz alta para que todos na sala ouvissem: - Não, senhor José Carlos, no seu caso é maligno mesmo!

Desenganado Benigno esperava em casa, tomando uísque e comendo lingüiça, o dia em que, após ser mortalmente nocauteado por Maligno, partiria, definitivamente, para os ‘campos sagrados de caça’ conforme se referia ao território do além...

NO QUINTO DOS INFERNOS

Em determinada ocasião, tive um cúmplice que sempre gostara de comer angu à baiana na barraca do seu Manuel, português da cidade de Além Mar.

Ao final do expediente, quando deixávamos a vigilância do imóvel onde pretendíamos penetrar durante a noite, ou mesmo após uma feliz incursão bem sucedida nossa, sempre que podia dirigia-se a barraca do Manuel e dizia, com a boca cheia d'água: - Seu Manuel, salta um bem quentinho!

Enquanto comia, costumava conversar um pouco com o Manuel. Em uma dessas conversas, ficou sabendo que este era seu vizinho de bairro, morando na rua seguinte à sua.

Foi assim que soube pelo Manuel, que relutou bastante em dizer-lhe, que sua mulher o traía com um motorista de ônibus cujo ponto final era em frente a sua casa.

Custou a acreditar no que o Manuel lhe dizia, em voz baixa para ser ouvida apenas por ele.

Ficou remoendo o que ouvira, durante toda a viagem de trem, na volta para casa.

Lá chegando, prestando mais atenção, começou a perceber determinados comportamentos da mulher que, até então, não haviam chamado sua atenção.

Toda vez que um carro parava em frente da casa ela, rápida, se dirigia à janela. Se o telefone tocava, corria logo a atender e falava sempre baixinho.

Dias depois, chegando mais cedo de uma campana, sem avisar, encontrou a mulher e o motorista em sua casa, na própria cama do casal.

Transtornado, apanhou a arma na gaveta da cômoda e matou a ambos com vários tiros.

Saindo dali, dirigiu-se direto para a barraca do Manuel. Ao chegar, como sempre, pediu: - Seu Manuel salta um angu bemquentinho, mas hoje com bastante pimenta!

Quando o Manuel serviu o angu, ele tirou do bolso um pequeno frasco, contendo um veneno para ratos conhecido como chumbinho e verteu parte do conteúdo dentro do prato.

Olhando, então, para o Manuel disse: - Aquela parada que você me contou, já está toda resolvida. Matei os dois e estou indo, agora mesmo, me encontrar com ela para dizer-lhe mais alguns desaforos que, na pressa, me esqueci de falar!

Em seguida, com uma colherada cheia, começou a comer o angu, esperando que a pimenta tirasse um pouco do gosto amargo do chumbinho.

Seu Manuel, olhando aquela cena e pensando rápido, pegou o frasco do chumbinho e verteu todo o conteúdo restante em um prato de angu, que preparou ali na hora. Começando a comer, rapidamente, exclamou para os demais clientes que olhavam a cena trágica: - O resultado desta briga eu não perco de jeito nenhum, nem que tenha que ir atrás deles no quinto dos infernos!

